



ENSAIOS PROJETUAIS

Paulo Roberto da Costa Santos para o trabalho de Teoria da Arquitetura “Ver as Cidades”, das então alunas: Bia Carvalho Costa Santos, Luiza Simionatto Budahazi e Heloisa Bertolini Lot, orientado por Luis Alexandre Amaral e Pedro Paulo Mainieri em 2020. Sobre sua vivência com o arquiteto e com a Casa Grande e Tulha, Paulo conta:

“O início de um sonho...

Em 1977, o meu irmão, o Toninho, passa em frente ao atual casarão, Casa Grande e Tulha, e vê uma placa de vende-se. A propriedade tinha totalmente outras características, ela estava semi abandonada e com muitas alterações de originalidade.

O Toninho chega em casa e me procura para saber a minha opinião sobre uma possível compra do imóvel. Bom, conversamos um pouco e ele me levou para ver, porque eu não sabia da existência do casarão.

Quando paramos o carro em frente ao imóvel a sensação que eu tive foi de ver uma casa muito mal cuidada, aparentemente quase totalmente abandonada. Eu tive um sentimento que ali tinha ausência de vida e que realmente uma intervenção arquitetônica naquele lugar poderia dar uma nova vida a cidade, a história e a localização dela como um fato histórico relevante para a cidade.

E ali começou o sonho... o sonho de um arquiteto que tinha uma visão privilegiada do que poderia nascer daquela nova vida daquele espaço. E começou a fazer a limpeza das construções que não tinham nenhuma relação com o original do imóvel. Havia muitas casinhas feitas de tijolo, lavanderia, e inclusive na Tulha, foi cortada a taipa para dar acesso a um estacionamento de automóveis.

E ali começou a nascer o sonho. O sonho do meu irmão. O sonho da cidade. O sonho do patrimônio. E esse sonho, de 1977 até 2001 é um sonho que não acaba e que ainda não acabou. E as intervenções feitas por ele até aquele momento, eu acho que mesmo ele estando aqui com a gente na vida, seriam intervenções sem fim... para cada estudo, cada momento, cada visão, preservando a história e complementando o futuro. É uma obra que não está acabada, mas a perspectiva de intervenção sem o Toninho, hoje, se torna muito difícil. Porque ali existia uma magia, um conhecimento, existia muito conhecimento técnico para poder aplicar e dar continuidade a esse projeto.

Então o sonho se concretizou, mas ainda não acabou.”

UM DIÁLOGO DO PRESENTE COM O PASSADO:

RESIDÊNCIA PAULO ROBERTO DA COSTA SANTOS

AUTOR:

Bia Carvalho Costa Santos

COLABORADORES:

Antonio Luis Castellano

Paulo Roberto da Costa Santos

Vitória Helena Blecha Cardoso e Silva

FICHA TÉCNICA

Arquiteto: Antônio da Costa Santos

Localização: Avenida Doutor Heitor Penteado, Parque

Taquaral – Campinas / SP

Área do terreno: 1.060,96 m²

Área da construção: 228,12 m²

Ano da construção: 1993/94 - 2001

Status: Obra interrompida

86



FIGURA 1: Vista do fundo do lote. Fonte: Bia Carvalho Costa Santos, 2023.

¹A elaboração desse texto de análise da Residência Paulo Roberto da Costa Santos se deu a partir de longas conversas com pessoas que conviveram com Toninho, entre as quais destacam-se: Paulo Roberto da Costa Santos e Antonio Luis Tebaldi Castellano.

Como forma de enriquecer ainda mais a décima edição da revista, tornou-se pertinente abordar um dos projetos mais emblemáticos da produção de Antônio da Costa Santos: a Residência Paulo Roberto da Costa Santos, projetada para o seu irmão. Localizada próxima a Concha Acústica do Taquaral, na Avenida Heitor Penteado, a **“obra transparece modernidade e, ao mesmo tempo, visita as tradições da Arquitetura Brasileira”** (CASTELLANO, 2009, p. 167)².

Antes de analisá-la de fato, é necessário compreender eventos importantes da formação de Toninho. Formado pela FAU-USP entre os anos de 1970 e 74, Castellano relembra que sua arquitetura teve muita influência da vanguarda do pensamento moderno, da Escola Paulista Brutalista e do pensamento de três de seus professores: **Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefevre** (CASTELLANO, 2009, p. 17). Essas influências encontram-se em todos os projetos feitos por Antônio.

A obra da residência teve início em 1993, quando Toninho já tinha 41 anos e **“seus valores completamente cristalizados”**, mesmo afastado há quase 10 anos da execução de obras residenciais para clientes particulares (CASTELLANO, 2009, p. 167). Segundo Paulo: “o projeto caminhou devagar conforme o tempo ia passando, entre uma eleição e outra... e infelizmente em 2001 foi interrompido”. Porém, mesmo que inacabado, a obra transparece e informa como se estivesse concluída (CASTELLANO, 2009, p. 152):

“O projeto para vocês terem noção começou há 30 anos atrás...

Começaram os primeiros ensaios comigo e com o Toninho no terreno, onde ele começava a esboçar alguns desenhos, nunca numa prancheta, sempre com um lápis e um papel sulfite. E assim foi indo o esboço da casa...

Após um tempo, ele chegou a conclusão que essa casa seria conformada através de dois retângulos de mesma medida (10x15m), sendo 15m um vão livre. Um destes retângulos seria a casa - com uma estrutura de aço de liga ferrosa bruta - e o outro, na parte frontal, a piscina - nada convencional e inteiramente feita de concreto”

(Paulo Roberto da Costa Santos)

² Recomenda-se em especial a leitura da Dissertação de Mestrado de Antonio Luis Tebaldi Castellano, que analisa não só a Residência Paulo Roberto da Costa Santos como outros inúmeros projetos de Toninho: CASTELLANO, Antonio Luis Tebaldi. Antonio da Costa Santos: uma arquitetura moderna e social em Campinas. 2009. 242 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/257765>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

FIGURA 2:
Detalhe da fixação da estrutura metálica no baldrame de concreto.
Fonte: Bia Carvalho Costa Santos, 2023.



Um dos motivos que norteou a escolha de trazer esse projeto para a revista foi a possibilidade de estabelecer um **eixo comparativo com a Casa Grande e Tulha**. É justamente na retomada dos elementos da **tradição arquitetônica brasileira**, conforme supracitado, que verifica-se a aproximação entre as duas obras. Entre esses elementos, destacam-se: a proposta de um porão não habitado (baldrame de concreto que afasta a casa da umidade), o alpendre (composto por uma escada que daria acesso ao nível de 0.70m da casa), um terreiro de café (espaço entre a residência e a piscina) e a edícula nos fundos (área de serviço). Todas essas características são comuns ao dois projetos, mesmo que em escalas diferentes. Pode-se pensar que, em um determinado momento, Antônio associou uma obra a outra, uma vez que de um lado **restaurou o antigo visitando o moderno e de outro projetou uma residência moderna que visita os elementos do passado**³.

"Essa obra tem a marca do seu autor. Toninho já havia comprado o casarão, que tratava de restaurar.

Restava o mais moderno, que tratou de construir.

O mais antigo e o mais moderno, num movimento dialético pendular, tornam sem sentido o trabalho da identificação dos limites entre passado e presente. O arquiteto que tão bem manipula os arranjos espaciais, desta vez o faz com a questão temporal."

(CASTELLANO, 2009, p. 176)

PERSEGUIR AO NÍVEL DO ARQUITETO
A TERE DA CIDADE CONTEMPORÂNEA
CONECTANDO AS PROPOSTAS DOS PROJETOS ISOLADOS

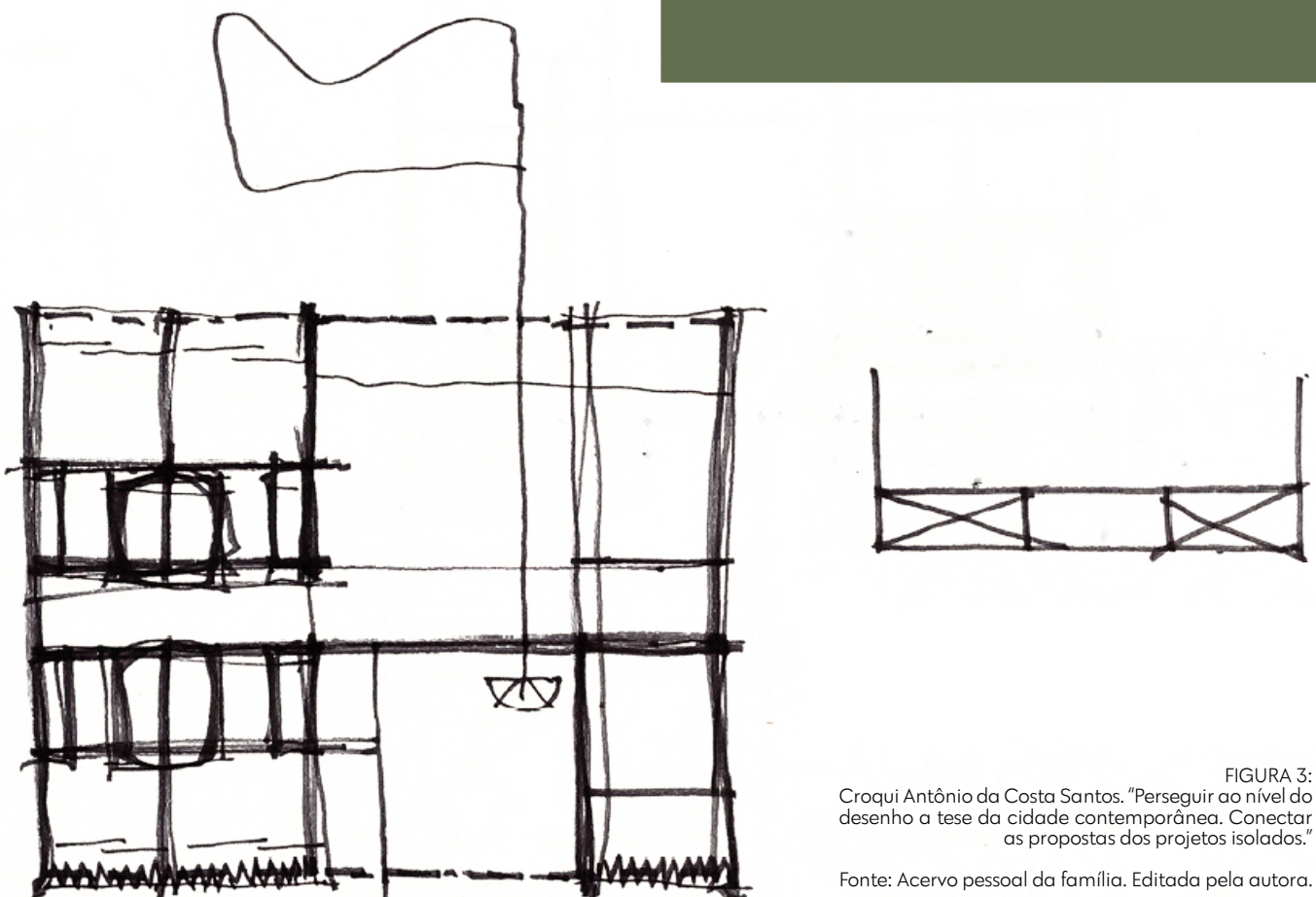


FIGURA 3:
Croqui Antônio da Costa Santos. "Perseguir ao nível do desenho a tese da cidade contemporânea. Conectar as propostas dos projetos isolados."

Fonte: Acervo pessoal da família. Editada pela autora.

³ Segundo Antonio Luis Tebaldi Castellano, essa análise feita por ele é "é tão primária que não combina com a grandeza do pensamento do Toninho".

A análise pode ainda ser mais complexa ao desdobrar o contexto urbano das duas obras: ambas encontram-se **conectadas pelo rio Anhumas**, associado à origem da Casa Grande e Tulha, e com suas portas uma de frente para a outra - a Residência com porta voltada para o Sul e Casa Grande e Tulha para o Norte (CASTELLANO, 2009, p. 174). Esse desejo de relacioná-las urbanisticamente pode ser visto também através de uma anotação do croqui de Antônio: **"Perseguir ao nível do desenho a tese da cidade contemporânea. Concentrar as propostas dos projetos isolados"** (Figura 3).

Além disso, o projeto conta com detalhes subliminares que podem não ser percebidos imediatamente aos que adentram ao terreno. O primeiro deles é referente a piscina, cujo acesso se dá através de um percurso a princípio simples, porém de significado extremamente complexo.

A ideia, segundo Castellano, é que o usuário não vá simplesmente à piscina, mas que a descubra através de diferentes sensações. Como seu acesso é distinto do nível da casa, o observador precisa atravessar o terreiro de café, sujando os pés, até chegar em um corredor de 15 metros conformado por duas paredes de concreto. Ao percorrer este e outro ainda mais estreito, localizado à esquerda do final da primeira caminhada, o usuário não vê nada além do céu e das texturas das paredes de concreto. Dessa forma, a piscina só seria de fato descoberta ao final desse promenade, por meio de uma rampa ou escada que daria acesso ao nível da água⁴, cuja vista enquadra três elementos integradores do projeto: **o Parque Taquaral, a água e a estrutura metálica da casa.**

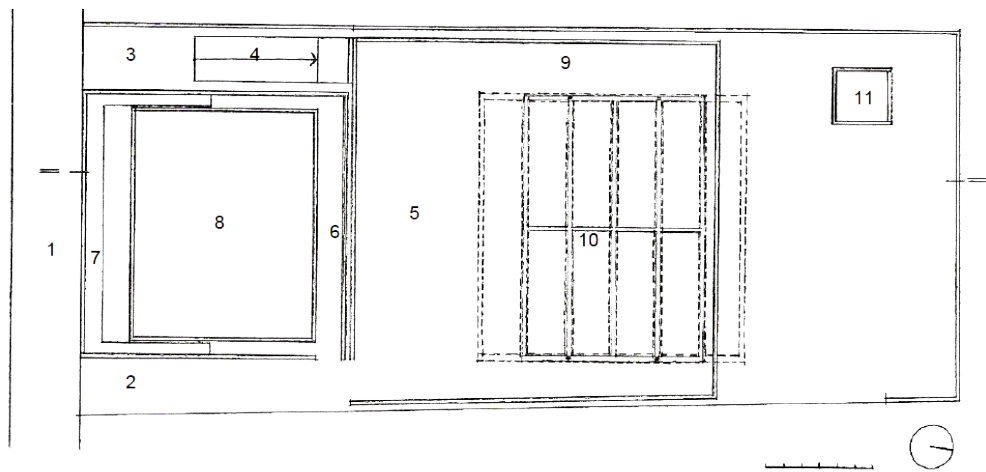


FIGURA 4, 5 e 6: Piscina. Fonte: Bia Carvalho Costa Santos, 2023.

⁴ A solução para o desnível entre o corredor e a piscina, que é de mais de um metro, não foi registrada por Antônio em nenhum croqui.

Ainda com relação à piscina, Castellano faz uma análise interessante com relação ao conforto do projeto: "é a questão do conforto... mas um conforto que satisfaz o intelecto". Comparando essa obra com a Casa Grande e Tulha percebe-se uma postura similar do arquiteto neste assunto:

"No caso da Casa Grande e Tulha, onde Toninho e sua família moraram durante muitos anos, percebe-se em cada intervenção realizada a intenção de abrir, de mostrar a construção na forma como ela foi feita, suas partes construtivas, cores e texturas. Se o resultado estético é único e inesperado, por certo é consequência da vontade de mostrar a verdade construtiva, dos materiais, seus esforços e o esforço humano para colocá-los ali. Se, com as intervenções feitas, principalmente nos pisos e forros, abrindo-os para o que vem depois, ou seja, madeiras brutas lavradas à mão sobre base de taipa (piso) e toda trama de madeiramento de sustentação do telhado (forro). Certamente essas soluções tornaram mais permeáveis os cômodos mas, por outro lado e por isso mesmo, fizeram diminuir a capacidade de conservar mais aquecidos os ambientes, controlar sons, cheiros e luzes. O que parece ser secundário diante do conforto intelectual buscado, o que faz pensar: em Toninho a questão do conforto é algo conscientemente entendido ou é apenas uma expectativa incorporada? Parece-nos que a necessidade de mostrar, de expor as vísceras desse monumento colonial é antes um imperativo que impõe condições, mas que também produz consequências, embora secundárias. Em outras palavras, a questão do conforto está ligada ao intelecto e se sobrepõe a fatores físicos e sensoriais." (CASTELLANO, 2009, p. 171)



- LEGENDA:
- 1- Calçada
 - 2- Pedestres
 - 3- Automóveis
 - 4- Rampa
 - 5- Terreiro
 - 6- Acesso piscina
 - 7- Solário
 - 8- Piscina
 - 9- Estacionamento
 - 10- Residência
 - 11- Lavanderia

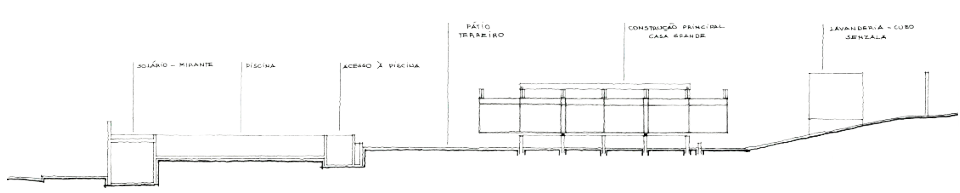


FIGURA 7 e 8: Planta e corte da Residência Paulo Roberto da Costa Santos. Autor: Antonio Luis Tebaldi Castellano. Editada pela autora.



FIGURA 9: A relação entre a piscina e o Taquaral.
Fonte: Bia Carvalho Costa Santos, 2023.

A relação da obra com o Parque Taquaral é outro ponto surpreendente pensado pelo arquiteto. Ao contrário do que seria comum de se imaginar para as residências dessa região, com a implantação da piscina e da área de lazer aos fundos do lote, Antônio quebra a lógica vigente ao implantar esses elementos na parte frontal. Porém, a decisão não se limita a uma simples vontade do arquiteto, mas fundamenta-se na compreensão da relação do projeto com a cidade. O partido da obra, a "casa sem jardins" (Figura 10), constitui um espaço quase que inteiramente árido, na medida que o jardim é o próprio Parque Taquaral, respeitando a relação do locus com o lazer maior.

Outro detalhe pensado para o projeto foi a execução de uma fenda no final da rampa de acesso aos automóveis, cujo significado só foi descoberto pelo próprio irmão recentemente. A ideia seria que o impacto do carro nessa fenda fosse um aviso de separação entre o espaço profano, da cidade, e o sagrado, do lar. Nesse sentido, nenhum detalhe pensado para o projeto é arbitrário, assim como na Casa Grande e Tulha e em todos os outros projetos de Toninho.

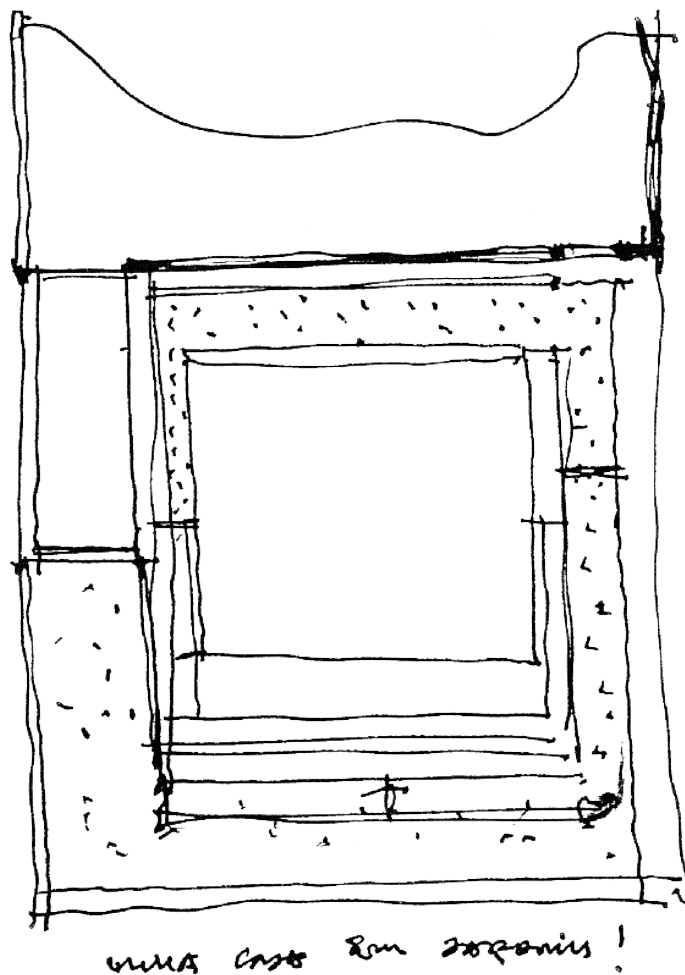


FIGURA 10: Croqui Antônio da Costa Santos.
"Uma casa sem jardins".
Fonte: Acervo pessoal da família. Editada pela autora.

A partir de todo o exposto, é nítido que um único parágrafo de conclusão seria pequeno para abordar tamanha complexidade do projeto. Sendo assim, é pertinente finalizar esse ensaio projetual com um relato do próprio irmão sobre sua residência projetada por Toninho:

"Quando surgiu a ideia do projeto da minha casa eu e o Toninho sentamos e conversamos sobre sua concepção. Eu de antemão já sabia que eu não poderia impor condições para a execução do projeto, visto a posição do arquiteto sobre sua profissão e por conta da minha perspectiva que é o arquiteto que cria, pois ele é o artista. Minha única exigência foi com relação ao número de dormitórios. O resultado foi surpreendente... desconheço outro projeto parecido com esse. Ele foi interrompido em 2001, com o assassinato do Toninho, e até hoje estou com ele parado, mas por que? Primeiro pela minha falta de condição (não sou da área, não sou arquiteto e quero respeitar o projeto idealizado pelo meu irmão) e por não poder intervir aleatoriamente em algo tão genioso. Preciso de muita sabedoria e consciência arquitetônica. A ideia é fazer um restauro, assim como na Casa Grande e Tulha, em respeito a essa obra de arte que difere de uma simples moradia..."
(Paulo Roberto da Costa Santos)



FIGURAS 11, 12 e 13: O projeto. Fonte: Bia Carvalho Costa Santos, 2023.

Museu Da Arte Religiosa Caldense (M.A.R.CA.)

AUTOR:
Bia Carvalho Costa Santos

ORIENTADORES:
Luis Alexandre Amaral

Encravado no solo, reverenciando a igreja, o Museu da Arte Religiosa Caldense caracteriza-se como uma topografia construída, pensado para constituir-se como um novo espaço livre e público para a cidade de Poços de Caldas – MG. Ao esconder-se, objetiva revelar a importância do patrimônio material e imaterial, da cultura negra e do sincretismo religioso – traços característicos e fundamentais em que, discretamente, insere-se.

A Igreja de São Benedito, concluída em 1932, encontra-se no Morro de São Benedito, na zona central de Poços de Caldas. Localizada a leste do ponto de entroncamento dos rios Lambari e Pardo, onde surgiu o primeiro assentamento urbano, a quadra em questão faz parte do percurso de duas festas tradicionais da cidade: Festa de São Benedito e Festa de Santa Cruz, o que evidencia sua relevância na construção e na manutenção da identidade e da memória poços-caldense.

Ao analisar brevemente seu entorno, nota-se a presença da Trincheira Tancredo Neves e da Rua Corrêa Netto, via de intenso fluxo que conforma um importante eixo conectando a área central até o sul da cidade. A construção dessa trincheira foi finalizada em 2005 e, em virtude do corte feito no Morro de São Benedito, implicou na reconfiguração da praça da Igreja, deixando-a escalonada em quatro patamares e com problemas de fluidez urbana. Atualmente, a quadra é utilizada como estacionamento por parte do Departamento Municipal de Água e Esgoto de Poços de Caldas, localizado atrás da construção histórica em questão.

Sendo assim, a situação atual da quadra de intervenção relata ou revela um espaço que não compreende sua potencialidade. Nota-se que a problemática encontra-se presente tanto nos dias das celebrações, dada a dificuldade e certa falta de fluidez da peatonalidade, quanto nos demais dias do ano, uma vez que atualmente o local é efetivamente utilizado somente em dias de missa.



Figura 1: Perspectiva 1. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

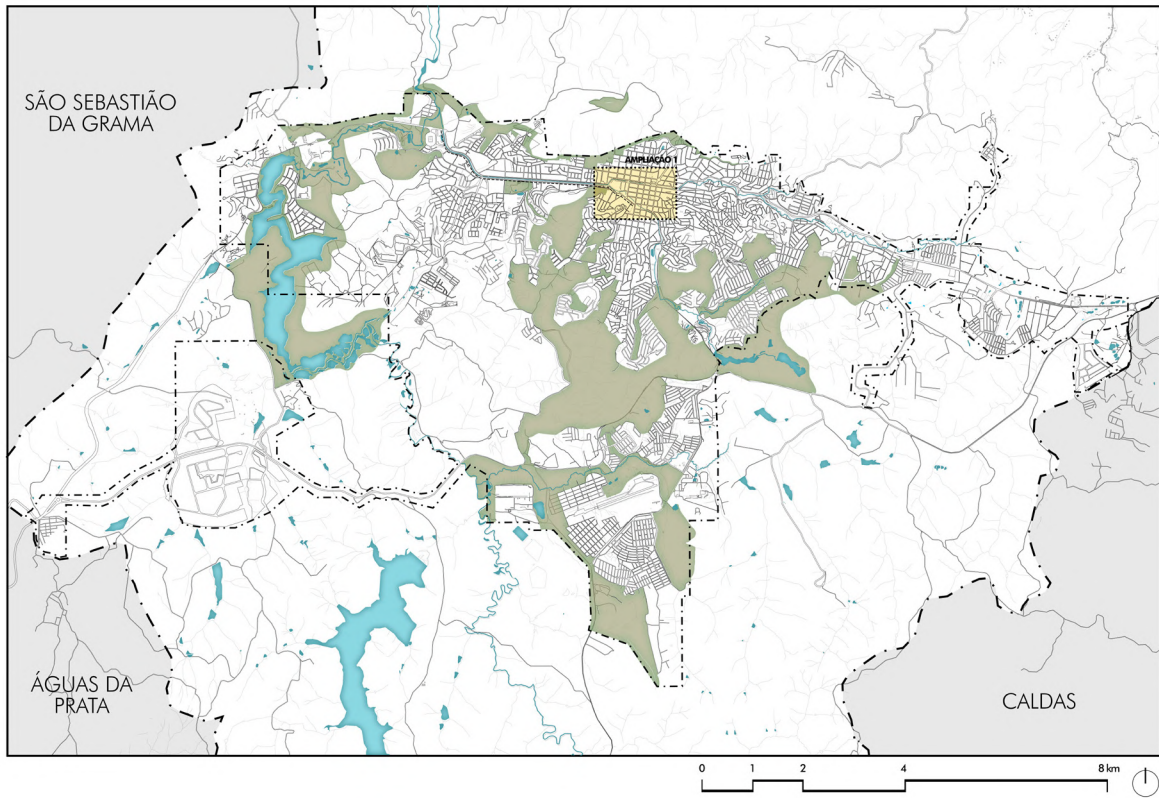


Figura 2: Localização do projeto. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

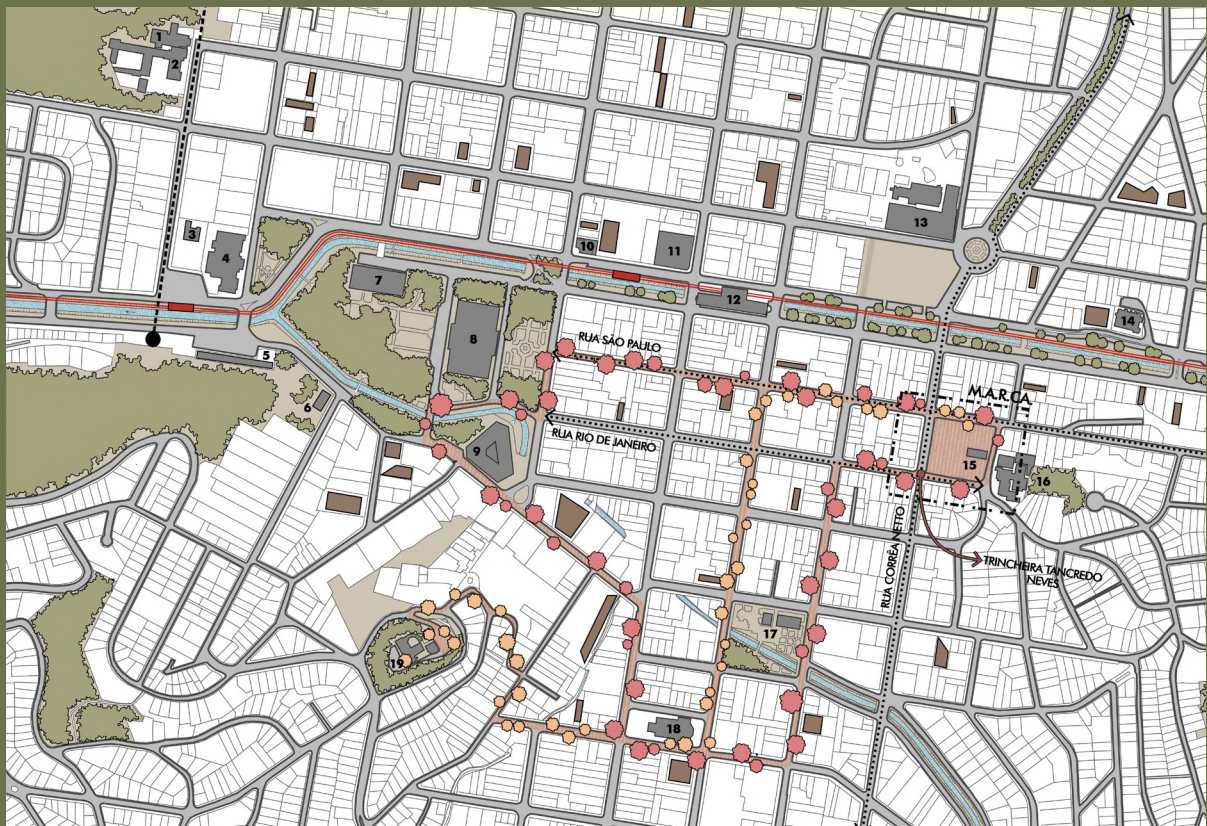


Figura 3: Contexto urbano. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

Legenda:

- 1 – Estação Mogiana
- 2 – Termas Antônio Carlos
- 3 – Santuário Nossa Senhora de Fátima
- 4 – Basílica Nossa Senhora da Saúde
- 5 – Fonte dos Macacos
- 6 – Igreja de São Benedito

- 7 – Departamento Municipal de Água e Esgoto
- 8 – Mercado Municipal
- 9 – Área Técnica
- 10 – Depósito
- 11 – Recepção Administrativa

- Rota da Festa de São Benedito (ipê-roxo)
- Rota da Festa Santa Cruz (chuva de ouro)
- Edifícios Significativos
- Proposta de HIS para área central
- Reativação do Monotrilho
- Estação de Teleférico
- ⋯ Vias Significativas



Figura 4: Situação atual da quadra de intervenção. Fonte: Google Earth, 2023.

Com relação às celebrações envolvidas, destaca-se a Festa de São Benedito. Segundo o Dossiê de Registro do Bem Imaterial Festa de São Benedito, da Divisão de Patrimônio Construído e Tombamento da Secretaria Municipal de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (2020, p. 11), a fé em São Benedito proporcionou um “encontro cultural entre os detentores de terra e os afrodescendentes oriundos do trabalho nas lavouras”. O santo negro em questão tem sua imagem associada à humildade, à simplicidade, à generosidade, ao provimento de alimentos e à resistência ao sofrimento. A celebração citada é uma das principais manifestações culturais poços-caldense, que acontece anualmente no dia 13 de maio, reunindo milhares de devotos, não só da cidade, mas também do estado mineiro. A procissão, que percorre diversas ruas da área central da cidade, envolve a Igreja de São Benedito, sendo este o local de início e conclusão da festa, a Basílica Nossa Senhora da Saúde, local da primeira

capela de São Benedito, e a Praça Pedro Sanches, associada ao surgimento de Poços de Caldas. É interessante observar que tal celebração reúne dois padroeiros, São Benedito e a Nossa Senhora da Saúde, e conta com a apresentação de indígenas Caiapós e grupos de congos, cuja dança é uma manifestação cultural e religiosa de origem africana.

Outro destaque é a Festa de Santa Cruz, celebrada dia 3 de maio pela Igreja Católica. Sendo uma das celebrações mais concorridas de Poços de Caldas no início do século XX (PREFEITURA MUNICIPAL DE POÇOS DE CALDAS. Dossiê de Registro do Bem Imaterial Festa de São Benedito de Poços de Caldas, 2020, p. 68), a folia tem início com a retirada dos mastros da Capela Santa Cruz, localizada no morro Santa Cruz, sendo seguida da procissão em direção ao pátio da Igreja de São Benedito. Sendo assim, o percurso dessa celebração envolve também diversas ruas da área central (Rua São Paulo, Rua Rio Grande do Sul, Rua Espírito Santo e Rua Santa Cruz).

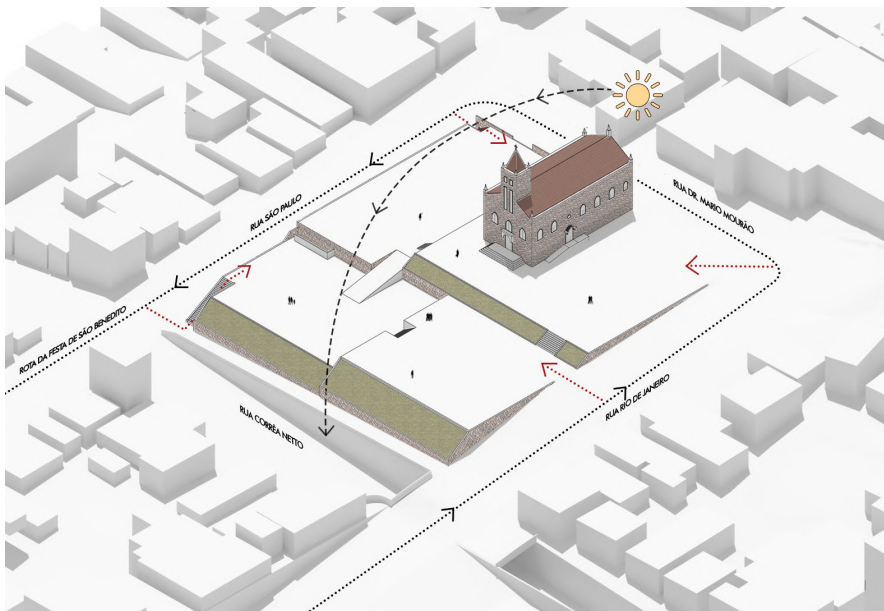


Figura 5: Diagrama esquemático da situação atual da quadra de intervenção. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

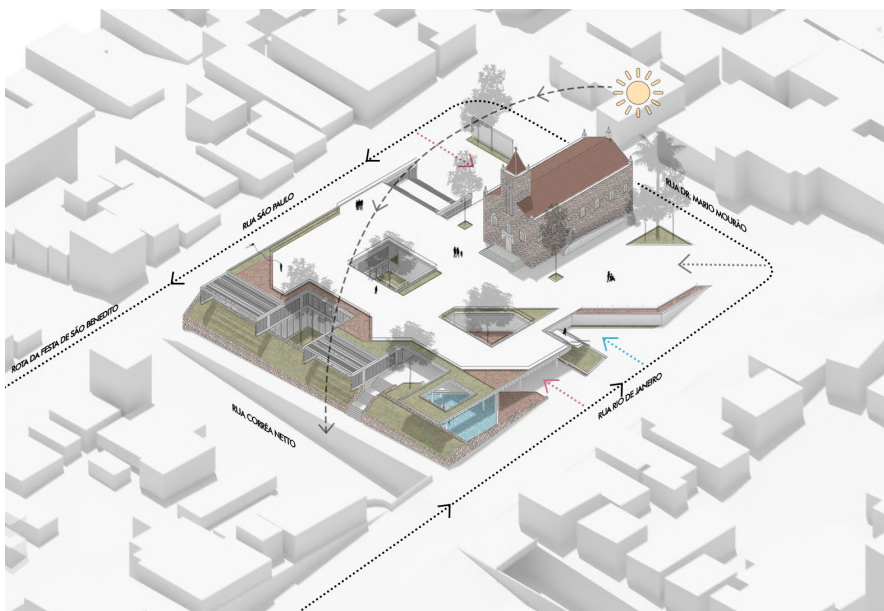


Figura 6: Diagrama esquemático da proposta. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

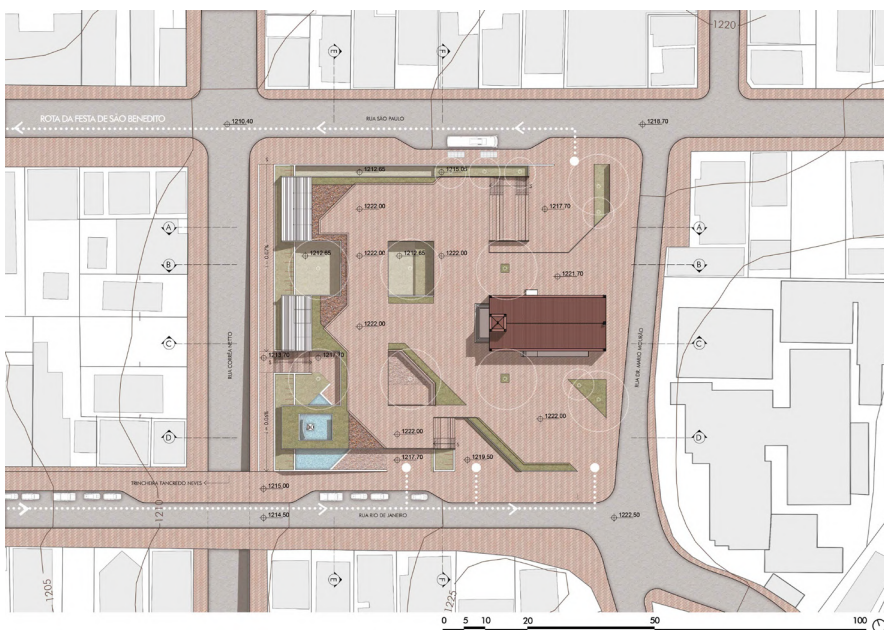


Figura 7: Implantação. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

Dessa forma, o partido do projeto inicia-se na conformação de uma ampla praça no mesmo nível da igreja. Essa praça foi desenhada por vazios estratégicos e através de um paisagismo que valoriza a igreja e as diversas celebrações. A presença dos vazios em sua conformação desperta curiosidade aos usuários do espaço, uma vez que enunciam, aos poucos, o Museu da Arte Religiosa implantado nos níveis inferiores da Igreja de São Benedito. Além disso, a decisão de estabelecer ali um Museu da Arte Religiosa garante a valorização das diversas manifestações religiosas, ao mesmo tempo que estimula a utilização do espaço não só nos dias de missa e das celebrações. Sendo assim, o espaço destinado à exposição permanente do museu teria o objetivo de perpetuar a memória e de garantir a transmissão do patrimônio em questão.

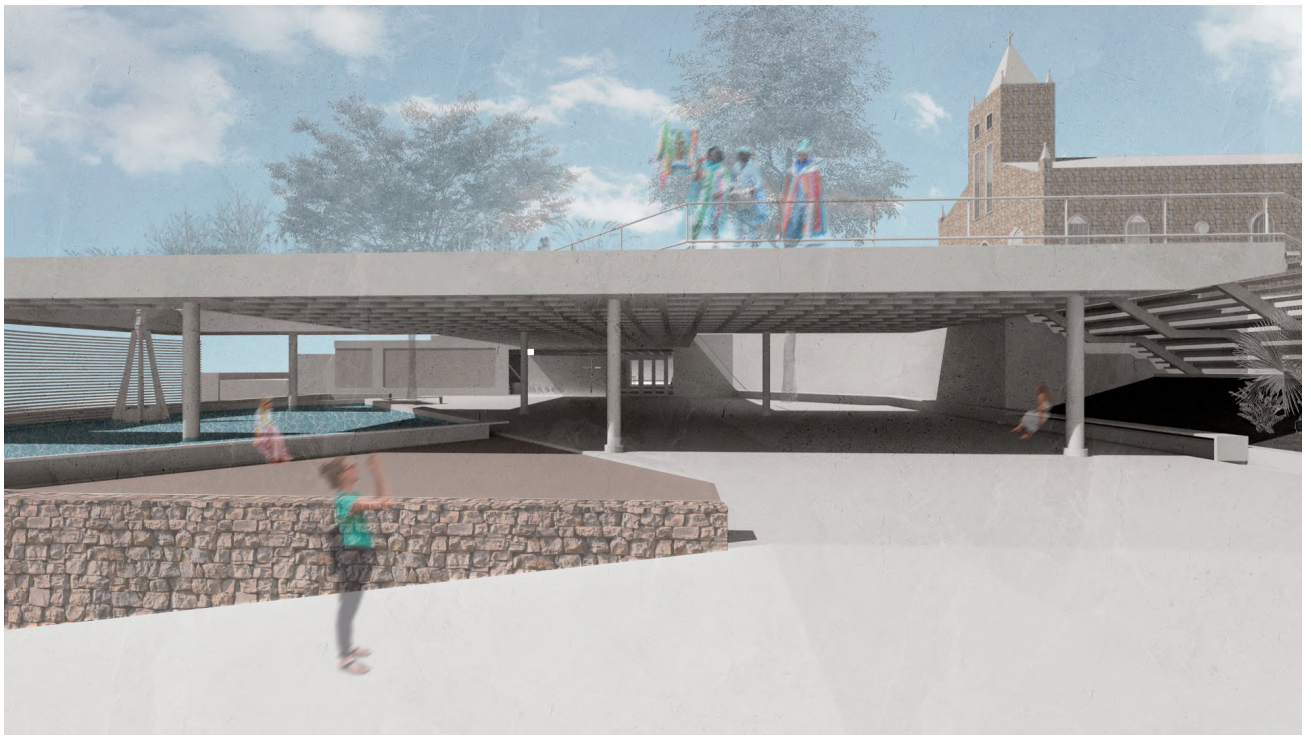


Figura 8: Perspectiva 2. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

A reestruturação da praça da igreja é constituída por um paisagismo que valoriza os eixos e acessos principais da quadra. Nesse sentido, os acessos em nível, sendo estes os que receberão maior parte do fluxo em dias das festas e folias, foram evidenciados através dos canteiros e arrimos chanfrados. Além de valorizar a imaterialidade, o paisagismo também enquadra a Igreja de São Benedito, por meio das árvores dispostas ao seu lado e nos demais vazios criados no projeto. Estes vazios também solucionam a iluminação natural do museu.

Com relação aos acessos que não são em nível com a praça, destaca-se a incorporação de escadarias e arquibancadas. Entretanto, torna-se pertinente compreender que a utilização das escadas aqui não se justificou somente através do seu aspecto funcional, mas também por uma questão identitária e simbólica. Dada a força da presença negra nas celebrações supracitadas, a solução tem como partido a “lavagem das escadarias”, uma prática cultural religiosa referente a identidade e memória dos africanos, pretos e mestiços. Segundo MENDES (2009, p. 6):

“a lavagem das escadarias é onde essa memória coletiva é reativada. A lavagem das escadarias é uma experiência religiosa concreta. Os grupos estão vivenciando aquele momento juntos, a identidade religiosa está presente como fator de unificação [...]”



Figura 9: Perspectiva 3. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.



Figura 10: Perspectiva 4. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

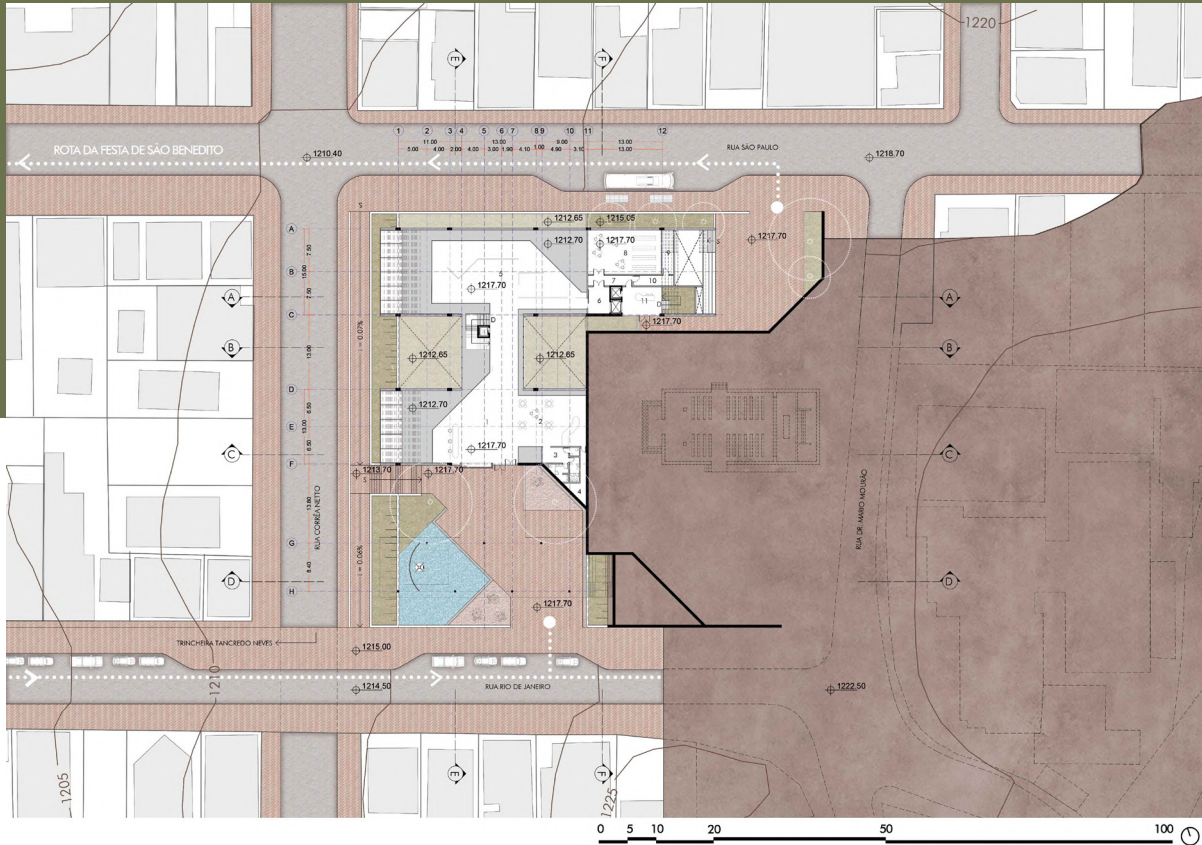
Além disso, observa-se que a praça se organiza por meio de três eixos principais, evidenciados com a presença dos vazios. Estes eixos representam as três esferas do patrimônio: imaterial, material e natural. Seguindo a lógica da parte inferior para a superior da Imagem 7, nota-se primeiro o eixo imaterial, marcado pelo principal ingresso da Festa de São Benedito e de Santa Cruz e pela escultura de São Benedito (localizada no espelho d'água proposto), o material, associado à igreja, e o natural e/ou paisagístico, dada a sua localização estratégica com relação ao visual para a topografia acidentada de Poços de Caldas.



Figura 11: Diagrama de distribuição do programa do nível 1. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

- | | |
|---|--|
| <p>Legenda:</p> <ul style="list-style-type: none"> Biblioteca Recepção/Hall de Entrada Café | <ul style="list-style-type: none"> Área Técnica Exposição Temporária WC Administrativo |
|---|--|

No primeiro nível do Museu da Arte Religiosa constata-se dois acessos, através de duas praças distintas. A primeira delas, localizada na parte superior da planta, relaciona-se ao acesso administrativo do programa. Já a segunda, corresponde a uma praça coberta que marca o ingresso do público geral ao museu mediante os canteiros, espelho d'água e espaços de permanência. De modo geral, este pavimento contempla as recepções (geral e administrativa), áreas técnicas, biblioteca (voltada para a parte educativa do programa), exposição temporária, entre outros. A parte expositiva e de ingresso ao público geral encontra-se disposta em uma laje recortada e "solta" da maioria das extremidades, de modo a proporcionar uma dinâmica espacial.



- | | |
|--|-----------------------------|
| Legenda: | 6- Hall |
| 1- Hall de Entrada/Bilheteria/Recepção | 7- Circulação |
| 2- Café | 8- Biblioteca |
| 3- WC | 9- Área Técnica |
| 4- Apoio Café | 10- Depósito |
| 5- Exposição Temporária | 11- Recepção Administrativa |

Figura 12: Planta do nível 1.
Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

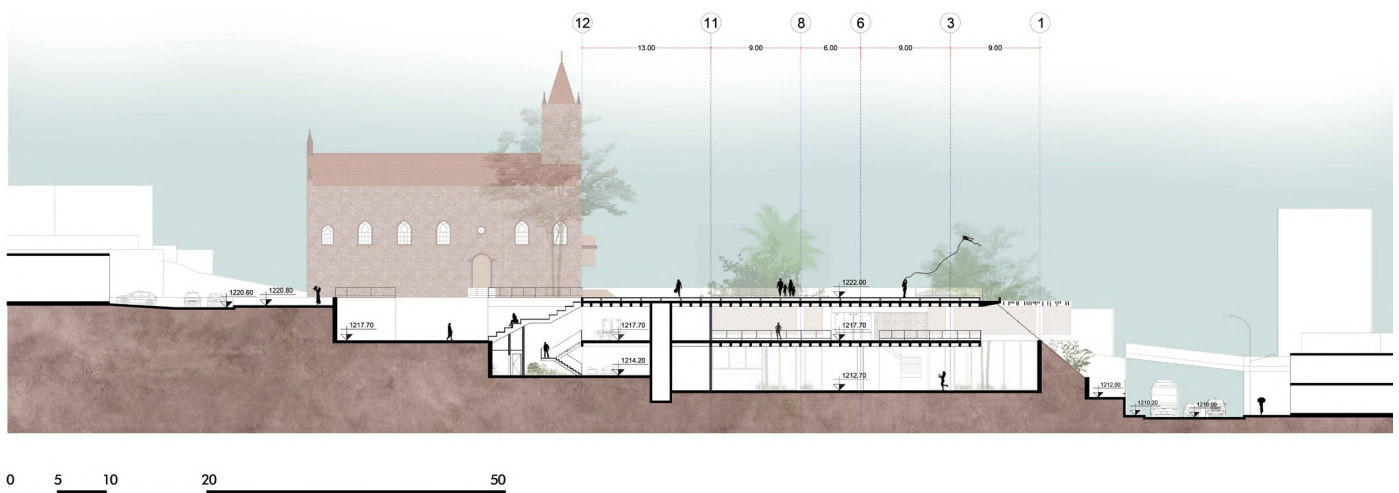


Figura 13: Corte AA. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.



Figura 14: Perspectiva 5. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

Uma das decisões do projeto diz respeito ao talude com muros de pedra existente na quadra. A decisão foi de mantê-lo e de adaptá-lo segundo algumas necessidades advindas da implantação do museu. Este desejo norteou a escolha de tirar partido da linguagem do talude através de um vidro que segue sua inclinação. Como a fachada deste elemento é oeste, optou-se pela incorporação de um brise que filtra a luz que adentra ao museu.

Já o segundo nível do museu concentra a exposição permanente e as demais áreas administrativas. Nestes espaços, observa-se a solução dos variados jardins internos, fundamentais na iluminação natural do museu, e da presença dos imponentes muros de pedra.

101

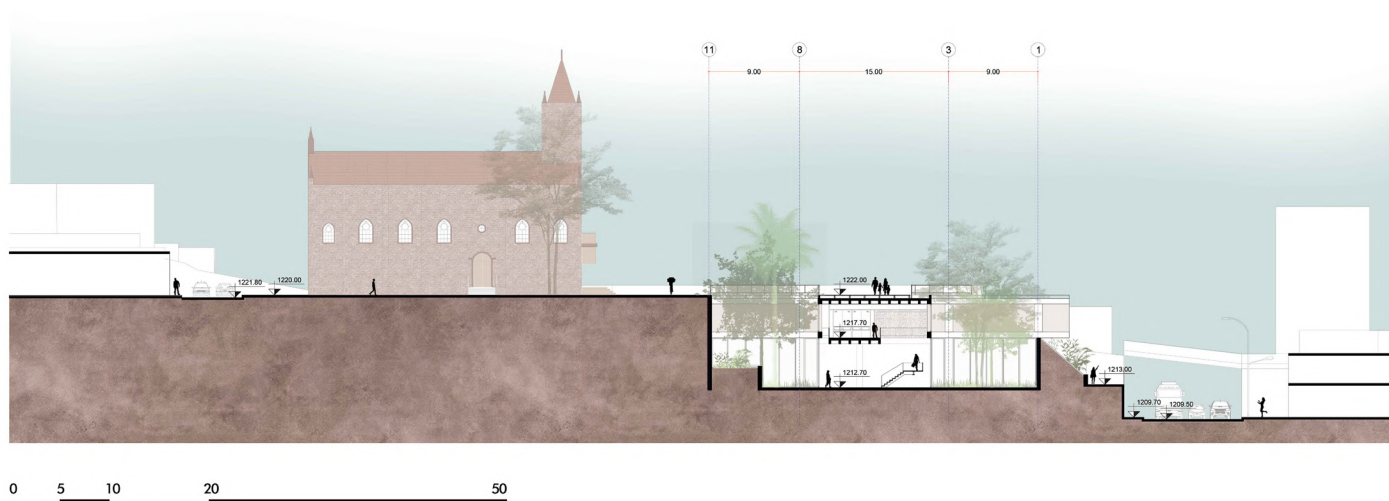
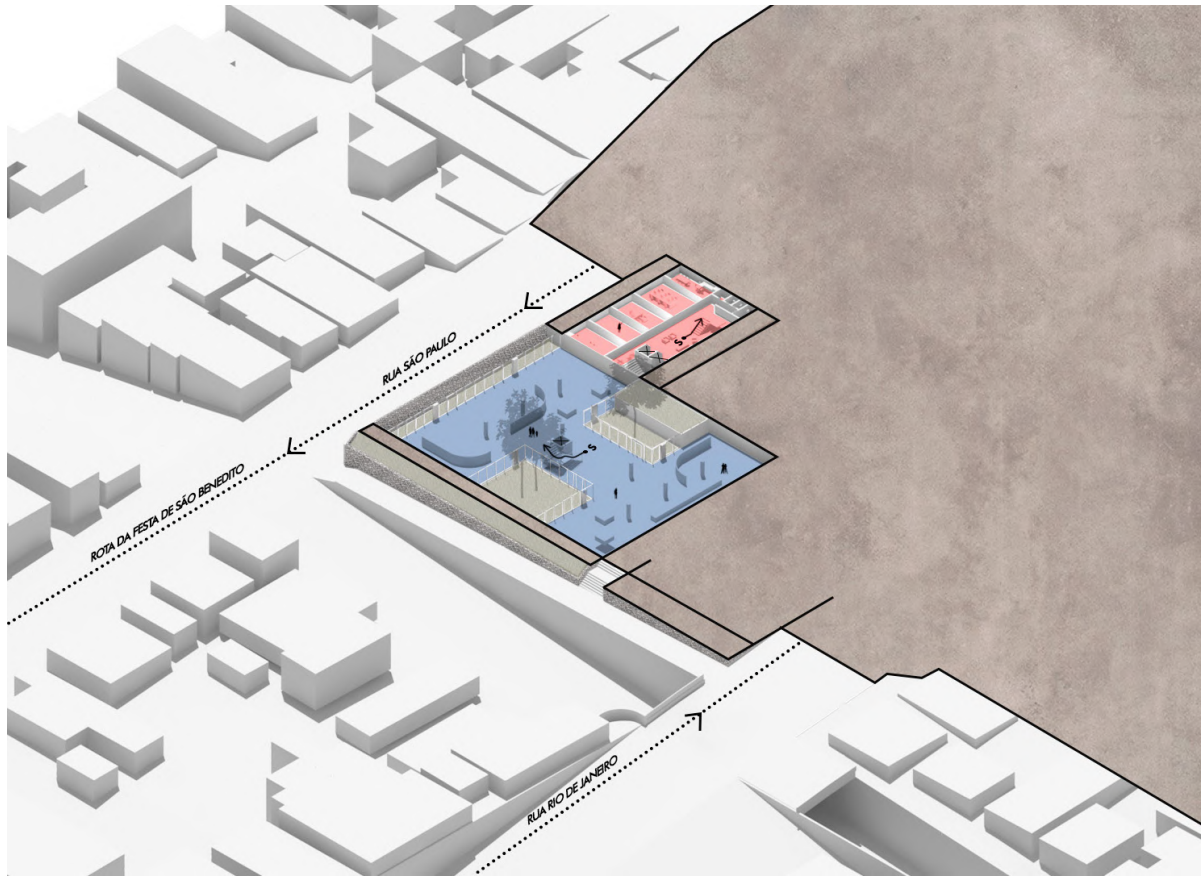
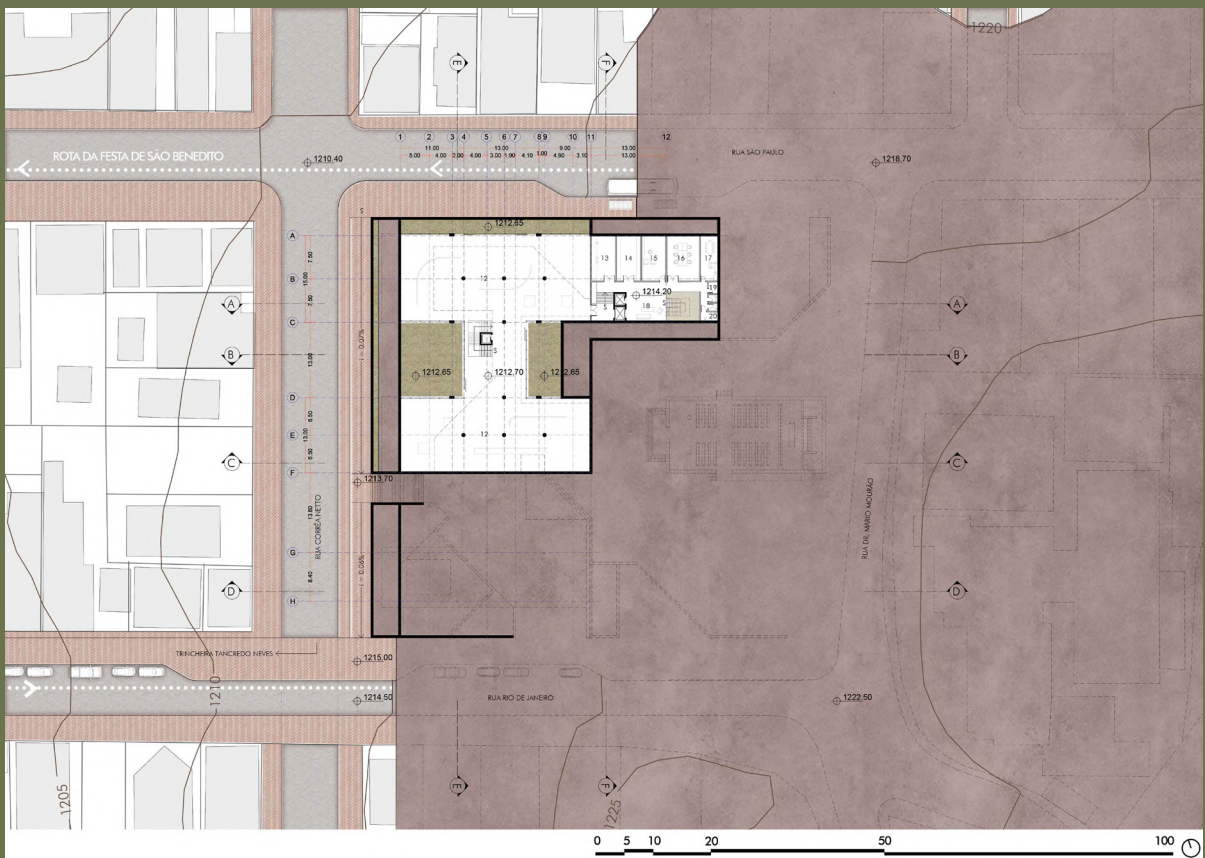


Figura 15: Corte BB. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.



Legenda:
■ Exposição Permanente ■ Administrativo

Figura 16: Diagrama de distribuição do programa do nível 2.
 Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.



Legenda:
 12- Exposição Permanente 17- Copa
 13- Laboratório de Restauração 18- Hall/Espaço de Convívio
 14- Acervo 19- Depósito
 15- Diretoria 20- WC
 16- Secretaria

Figura 17: Planta do nível 2.
 Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

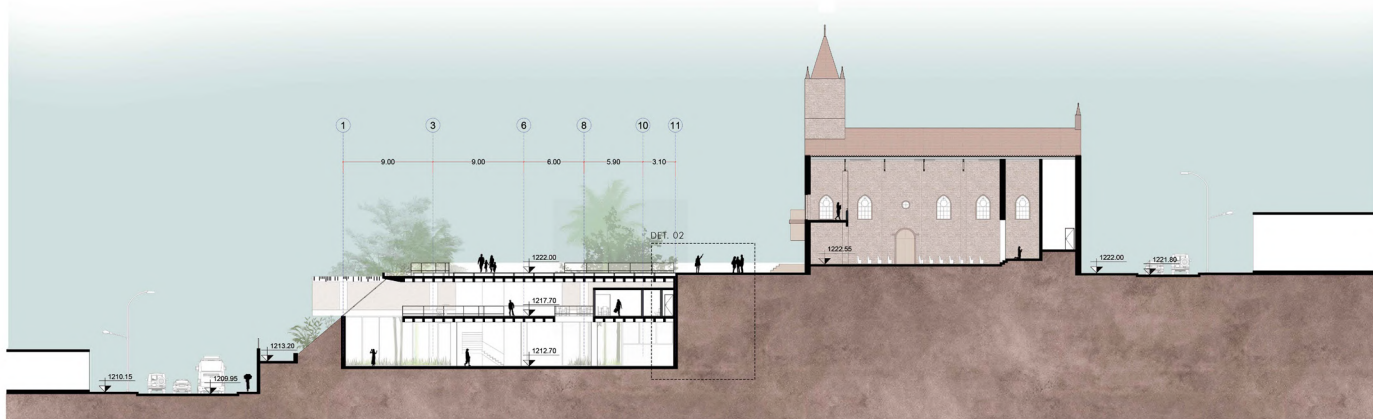


Figura 18: Corte CC. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

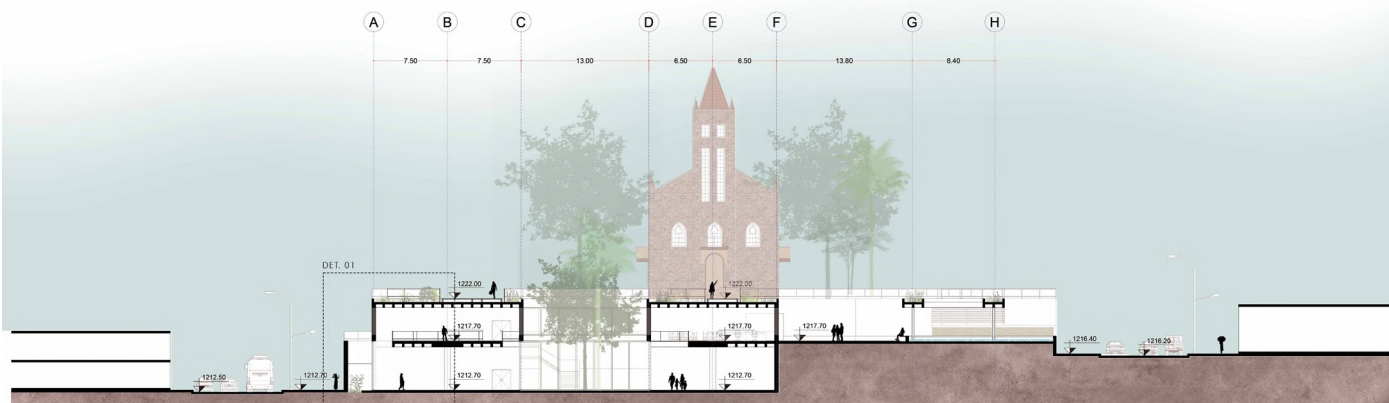


Figura 19: Corte EE. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

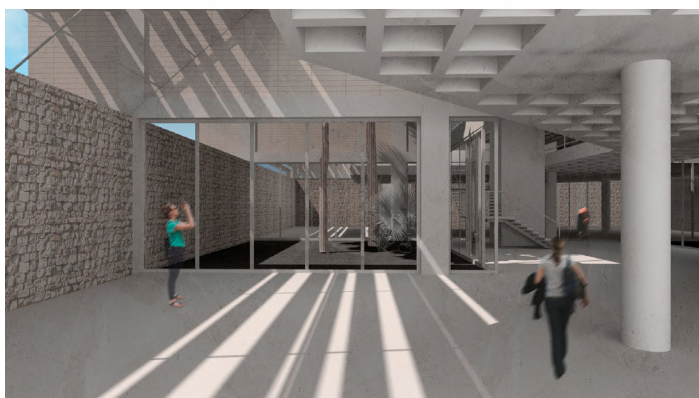


Figura 20: Perspectiva 6. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

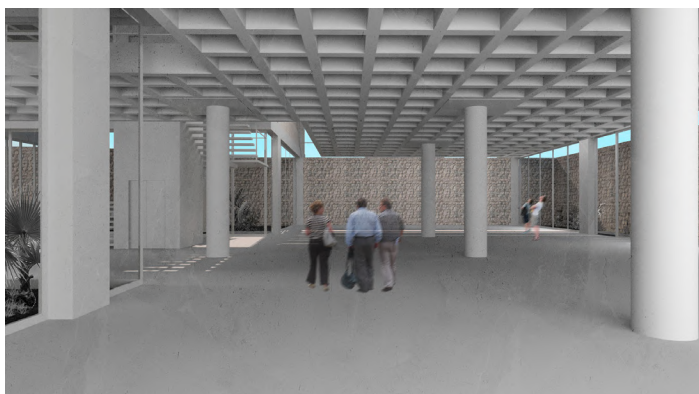


Figura 21: Perspectiva 7. Autor: Bia Carvalho Costa Santos, 2022.

À face do exposto, é na compreensão da relevância da quadra da Igreja de São Benedito para além de seus limites físicos que a proposta do Museu da Arte Religiosa Caldense se estrutura. Valorizar não só o patrimônio material, mas também o imaterial mostra-se imprescindível na manutenção da memória coletiva de determinado território, uma vez que é somente o diálogo com o passado que permite os acontecimentos do presente (RETTO JÚNIOR; KUHLE, 2019).

Há quem diga que é heresia,
 Mas logo se cala ao ver os mastros em sintonia.
 Erguidos em meio a tanta felicidade,
 Suas cores transbordam singularidade.
 No alto da cidade,
 Cada reza revela profanidade.
 Em meio a tanta fantasia,
 As pedras se transformam em poesia.”

- Bia Carvalho Costa Santos, 2022

RESTAURAÇÃO E PATRIMÔNIO FEPASA CAMPINAS

AUTORES:

Ana Beatriz Castro Figueiredo

Marina Gouveia Colnaghi

Moyra Oliveira Simões

Paloma Fernandes Melo Silva

Victoria Passoni Cordón.

ORIENTADORES:

Ana Paula Farah, Ana Paula Pedro,

Roberto Leme

Memorial Descritivo

Partindo da proposta de revitalizar o Complexo Ferroviário de Campinas, que atualmente encontra-se em estado de precariedade, em função de seu abandono ao longo dos anos, a ideia consistia em propor usos, espaços e fluxos que requalificassem o local, de modo a aproveitar o enorme potencial urbano e metropolitano que a área apresenta, conciliando com as questões históricas e sem competir com a linguagem preexistente. Desse modo, após detalhado levantamento de informações, foi possível identificar as principais características, benefícios e problemas da área de estudo. Assim, percebe-se a presença de importantes equipamentos relacionados ao

transporte público seja regional ou inter-regional no entorno, com destaque para o Terminal Metropolitano Prefeito Magalhães Teixeira e o Terminal Central de Ônibus de Campinas, além de um importante trecho do BRT. Além disso, há uma série de equipamentos relacionados à educação, bem como um significativo polo comercial. Ainda, o projeto levou em conta o gabarito do entorno, classificado como majoritariamente baixo, com o intuito de evitar destoar das construções preexistentes e, assim, manter a integridade dos edifícios históricos.

Em seguida, após a definição dos usos que a equipe desejava implantar na área de projeto, foi desenvolvido um fluxograma juntamente com um diagrama de setorização para explicitar as relações dos edifícios entre si e com os espaços requalificados.

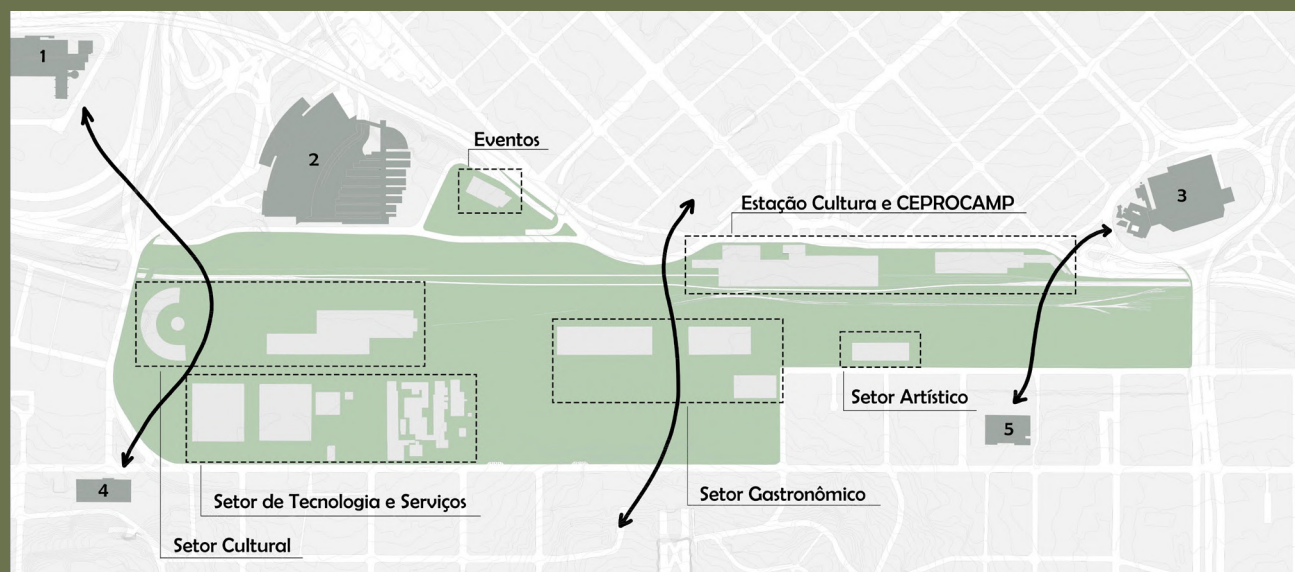


Figura 1: Diagrama - Fluxos Externos. Autor: imagem produzida pela equipe.

- 1 – Sesc Campinas
- 2 – Terminal Metropolitano Prefeito Magalhães Teixeira
- 3 – Terminal Central de Ônibus Urbanos de Campinas
- 4 – Centro Universitário UniMetrocamp
- 5 – Teatro Municipal José de Castro Mendes

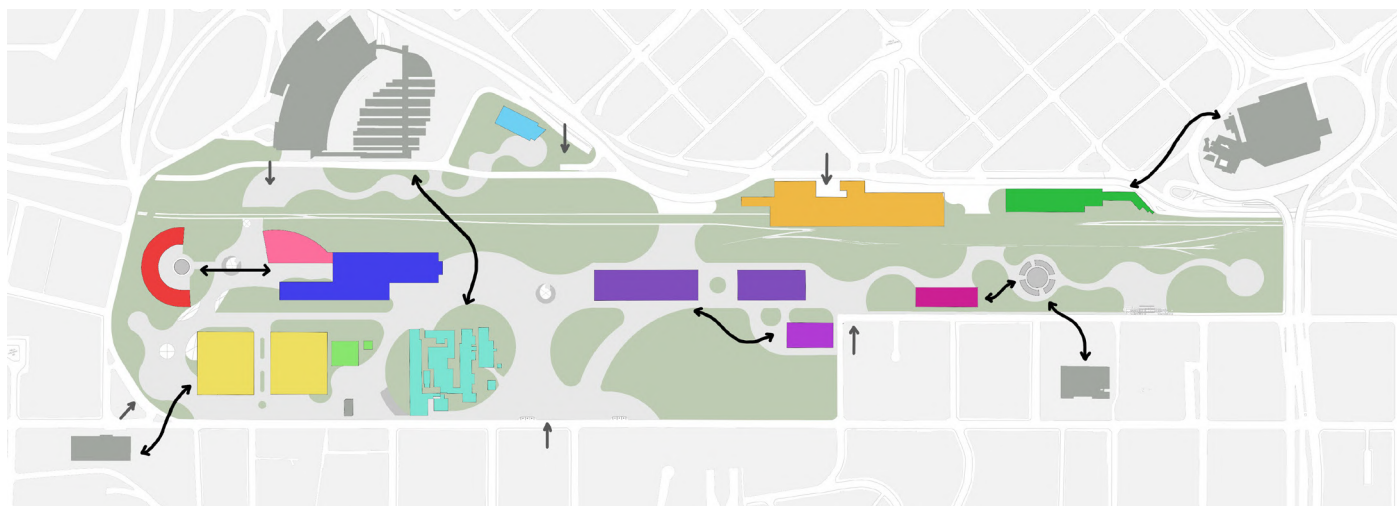


Figura 2: Diagrama – Fluxos Internos.
 Autor: imagem produzida pela equipe.

- Museu do Transporte Ferroviário
- Biblioteca e Centro de Documentação
- Laboratórios de Tecnologia e Oficinas de Ciências Práticas
- Sede de Escritórios e Coworking
- Poupatempo
- Centro de Eventos
- Mercadoão de Produção da RMC
- Centro e Escola de Gastronomia
- Centro de Artes, Música e Dança
- Estação Ferroviária
- CEPROCAMP
- Anexo proposto pela equipe

Nesse contexto, os edifícios de tecnologia e negócios foram localizados segundo suas proximidades com equipamentos que podem ser auxiliados, como o Centro Universitário UniMetrocamp, Sesc, além de serem voltados para a área mais residencial, para que seus moradores também possam usufruir. Assim, esses edifícios servem de apoio também para a comunidade. Haverá ainda um Poupatempo, que além de atender os produtores e moradores da Região Metropolitana de Campinas (RMC), atenderá também a demanda local. Há um eixo cultural criado a oeste do Complexo que ajuda a manter a história da ferrovia viva, possuindo relação com o Sesc e a área predominantemente residencial, servindo de apoio também ao MIS, Centros

da Unicamp, Teatro Castro Mendes e outros órgãos culturais dessa região. Seguindo com usos referentes à RMC, temos edifícios voltados para a culinária, como um Centro de Gastronomia, oferecendo aulas e possuindo restaurantes. Próximo a ele, há um mercado com produtos da RMC, localizado na área central do complexo, com um fluxo cortante importante entre a área comercial e residencial. Mais ao leste, temos um eixo artístico onde se concentra um edifício voltado para aulas de música e dança, com um anfiteatro próximo para apresentações, nas proximidades também há uma grande praça, com espaços de permanência para atrair o público e um fluxo para essa região do Complexo.

Ainda dentro da proposta do projeto, após a consolidação do contexto geral de requalificação dos edifícios que compõe a FEPASA, as etapas seguintes foram dedicadas a selecionar um dos edifícios do complexo para desenvolver seu programa e propor um edifício anexo que respeitasse uma das correntes de restauro estudadas ao longo das aulas da disciplina. Assim, o edifício escolhido para enfoque projetual foi a Antiga Oficina da Mogiana. A proposta consiste na utilização do edifício para a criação de um Arquivo Municipal, um Centro Tecnológico e uma Biblioteca Municipal. Todo o programa de necessidades do projeto foi pensado de maneira a atender a RMC, valorizando o caráter histórico e educacional, privilegiando o setor de pesquisa.

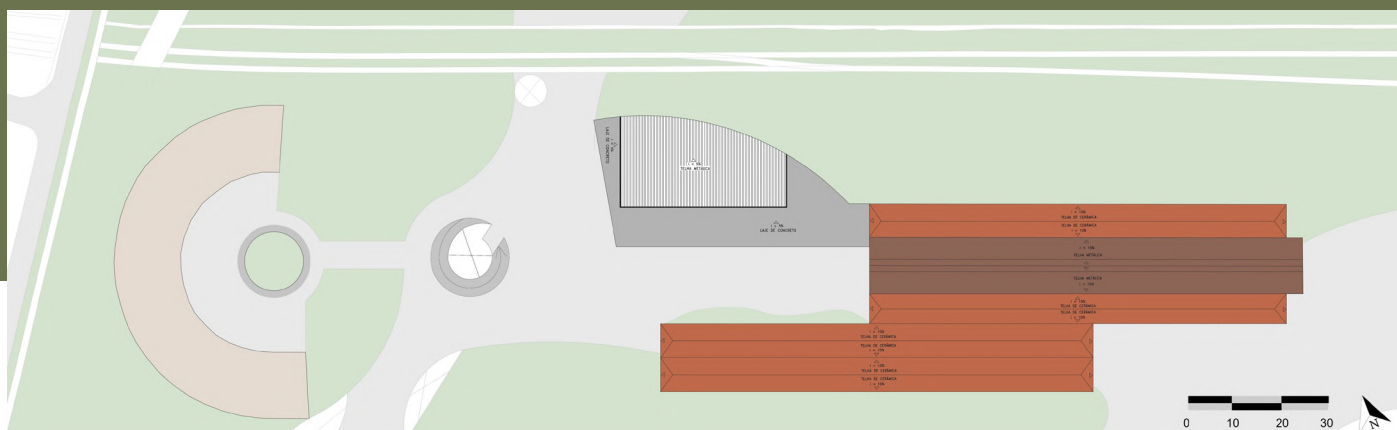


Figura 3: Implantação do edifício escolhido. Autor: imagem produzida pela equipe.

Dividido em três níveis, a maior parte do projeto ocorre na cota comum a todo o complexo, onde a antiga oficina abriga o Arquivo e a Biblioteca, com áreas de armazenamento, estudo, convívio e salas de aula.



Figura 4: Planta baixa - Térreo.
Autor: imagem produzida pela equipe.

- | | | |
|--------------------------------------|---|---|
| 1 - Auditório | 13 - Copa | 25 - Recepção |
| 2 - Antecâmara | 14 - Catalogação | 26 - Triagem e Organização de Documentos |
| 3 - Área Técnica | 15 - Sala de Computadores | 27 - Sala de Capacitação |
| 4 - Foyer e Exposição Transitória | 16 - Administração | 28 - Sala de Restauro |
| 5 - Banheiros | 17 - Arquivos de Guarda Prolongada | 29 - Arquivos |
| 6 - Biblioteca | 18 - Sala de Áudio | 30 - Sala de Reunião |
| 7 - Devolução e Terminal de Consulta | 19 - Armazenamento de Multimídia e Áudios | 31 - Administração |
| 8 - Recepção | 20 - Sala de Reunião | 32 - Copa |
| 9 - Biblioteca Kids | 21 - Suporte Técnico | 33 - Área de Conservação de Documentos |
| 10 - Áreas de Permanência | 22 - Copa | 34 - Almoarifado |
| 11 - Salas de Estudo Coletiva | 23 - Administração | 35 - Sala de Descrição de Documentos Digitais |
| 12 - Salas de Estudo Individual | 24 - Exposição Interativa Tecnológica | 36 - Organização de Documentos |
| | | 37 - Sala de Scanners |

No interior do edifício antigo, foi criado, no nível superior, um mezanino para ser utilizado como um local de estudo, acessível a todos.

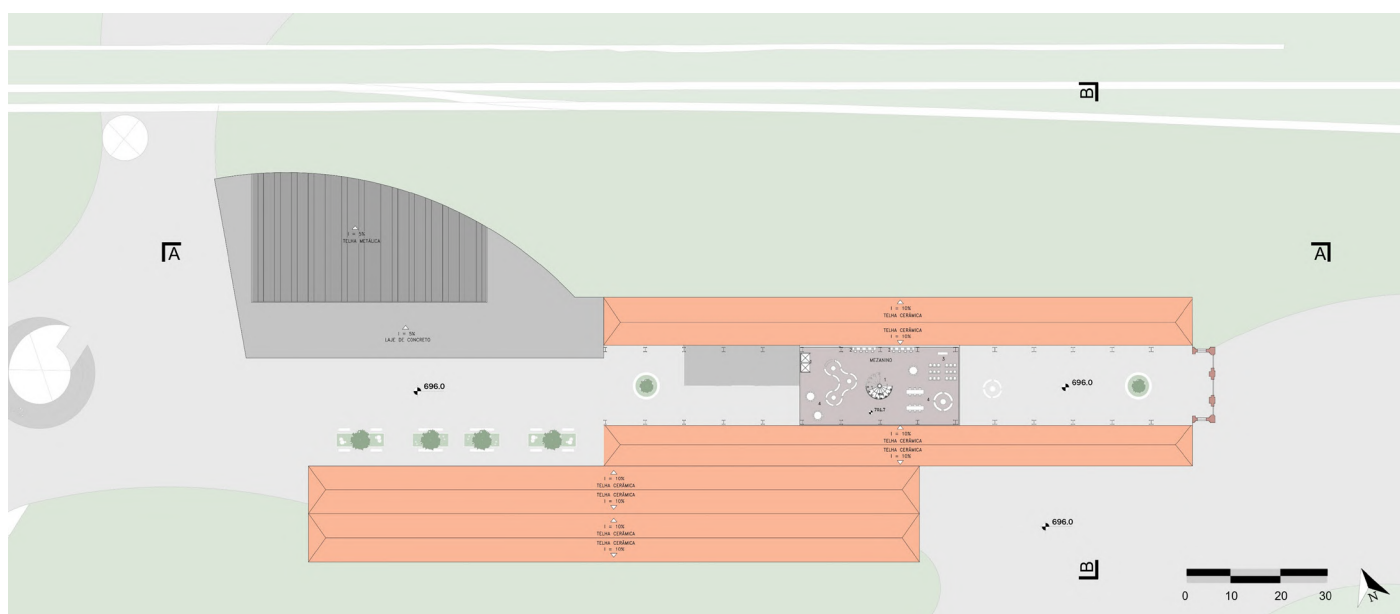


Figura 5: Planta baixa - Pavimento superior. Autor: imagem produzida pela equipe.

- 1- Circulação Vertical
- 2- Terminal de Internet
- 3- Área de Projeção de Vídeo
- 4- Área de Permanência

Em relação ao edifício anexo, foi proposto um auditório de 400 lugares que se conecta com o exterior do complexo através de um subsolo, três metros abaixo, pensado de modo a servir de apoio aos demais edifícios e à RMC.

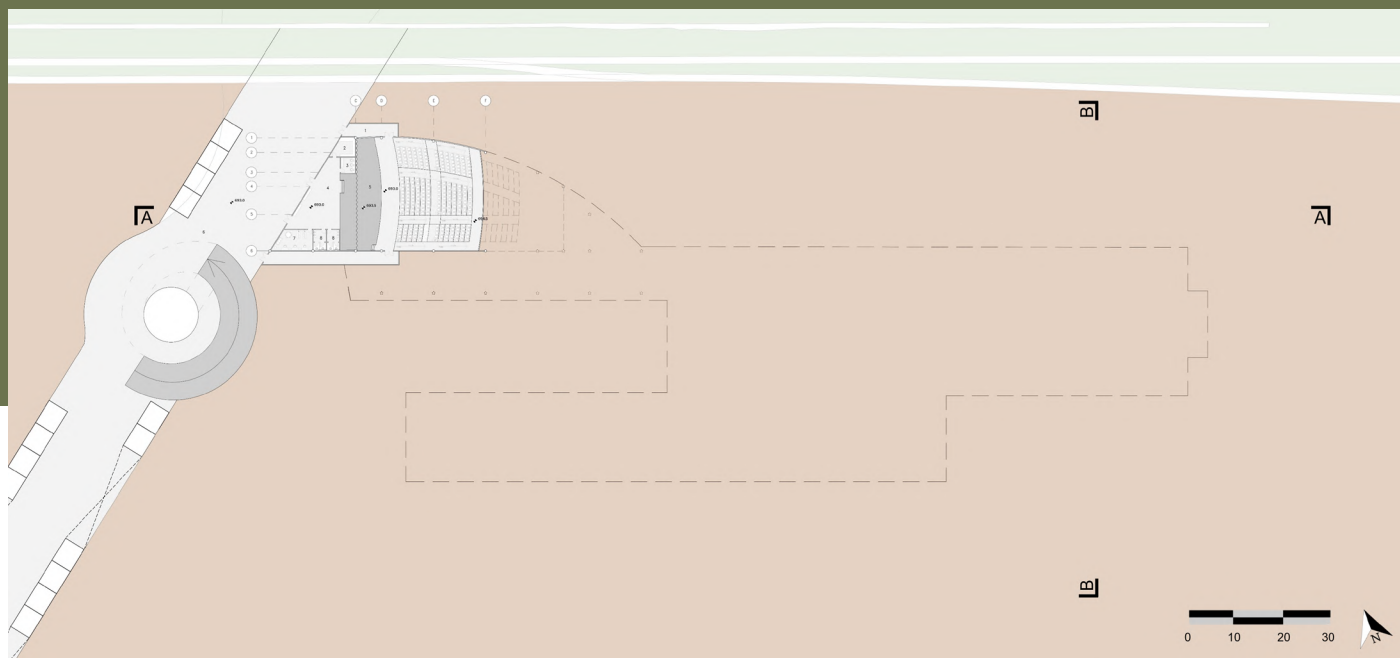


Figura 6: Planta baixa - Subsolo. Autor: imagem produzida pela equipe.

- 1- Saída de Emergência
- 2- Depósito
- 3- Assistência Técnica
- 4- Área de Espera
- 5- Auditório
- 6- Subsolo Master Plan
- 7- Camarim
- 8- Banheiros

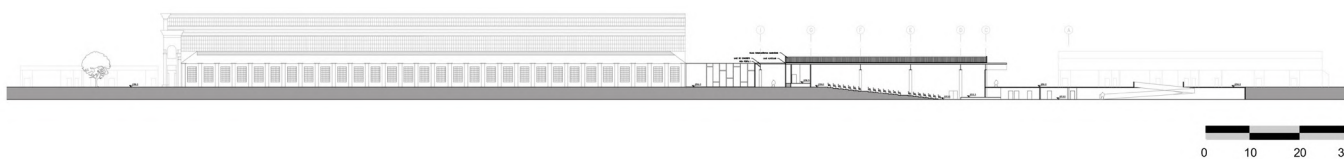


Figura 7: Corte AA. Autor: imagem produzida pela equipe.

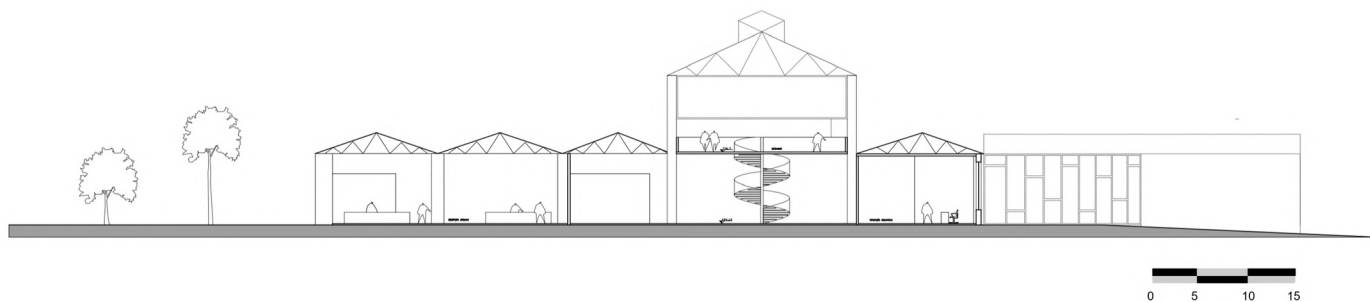


Figura 8: Corte BB. Autor: imagem produzida pela equipe.



Figura 9: Eixo Livre Central entre a Rotunda e a Oficina Mogiana. Autor: imagem produzida pela equipe.

108

A construção dos espaços livres ocorre de acordo com uma ocupação moderada dos programas, o que privilegia a contemplação do edifício principal, a Oficina Mogiana e a Rotunda, que fica em evidência através do eixo livre central, criado de uma ponta a outra do projeto.



Figura 10: Eixo Livre Central entre a Rotunda e a Oficina Mogiana. Autor: imagem produzida pela equipe.

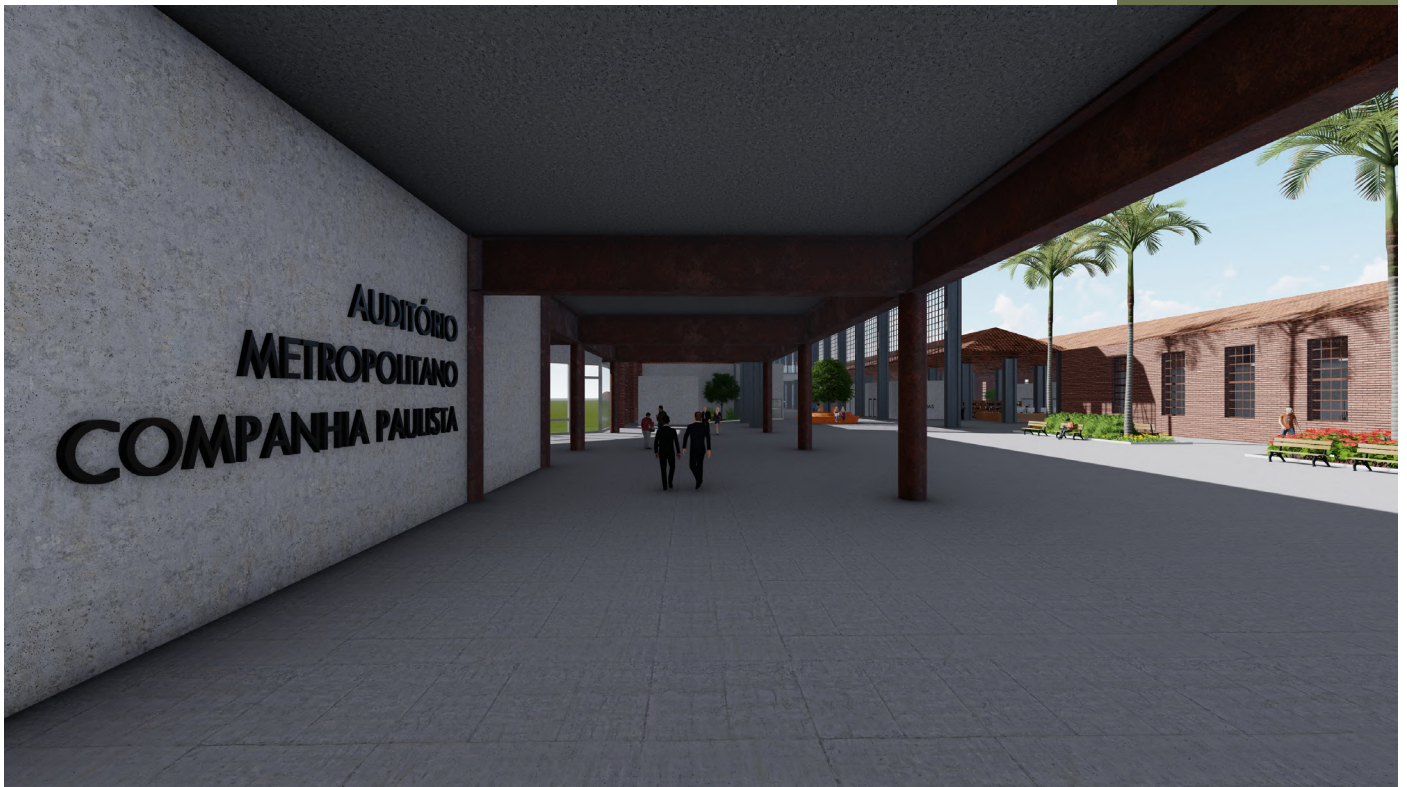


Figura 11: Entrada Auditório. Autor: imagem produzida pela equipe.

No que diz respeito às técnicas construtivas, foram utilizadas estrutura metálica e alvenaria no anexo, procurando dar certa linearidade ao projeto, usando as mesmas técnicas da Oficina: estas apenas são diferenciadas no acabamento, concedendo diferentes destaques ao novo e ao preexistente.

109



Figura 12: Interior do Arquivo. Autor: imagem produzida pela equipe.

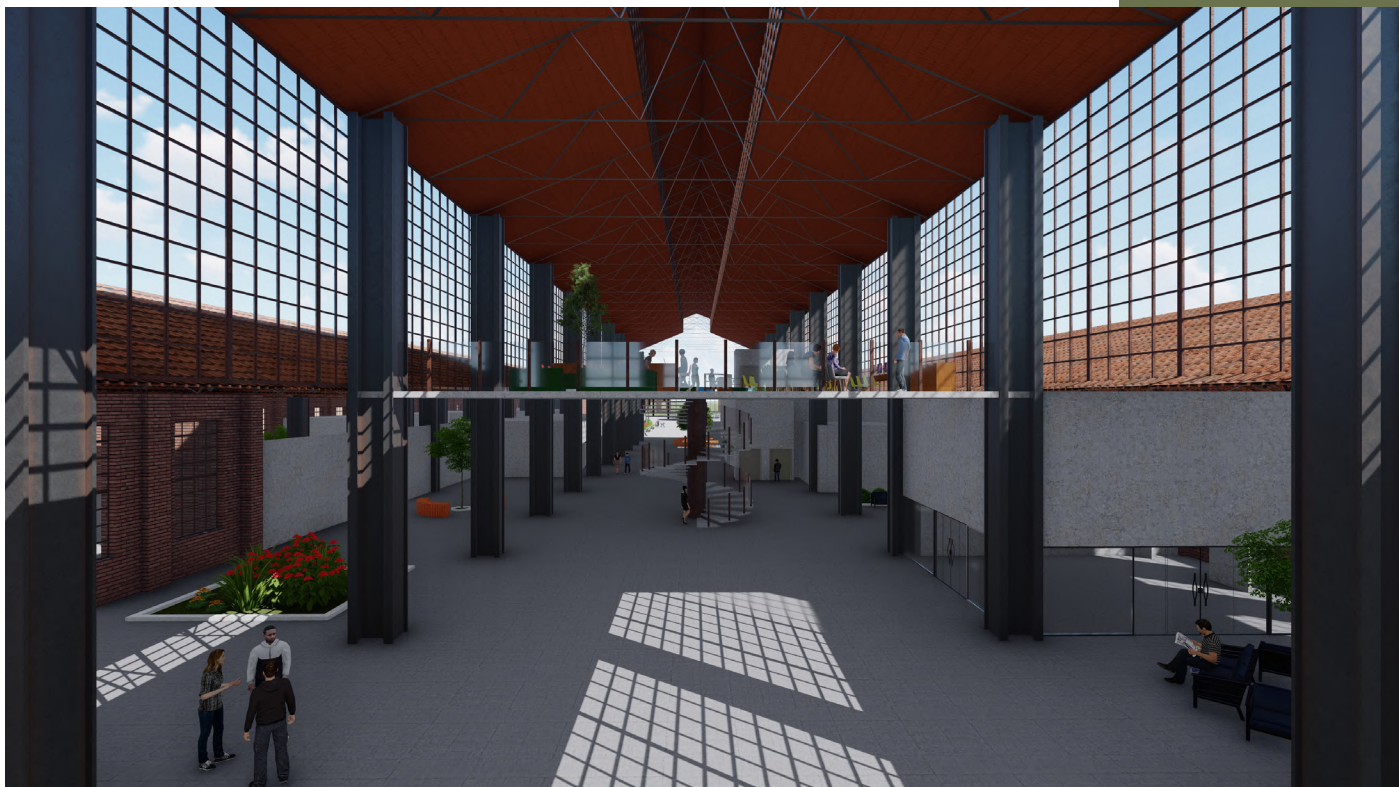


Figura 13: Visão do térreo e mezanino. Autor: imagem produzida pela equipe.

110



Figura 14: Visão no Mezanino. Autor: imagem produzida pela equipe.



Figura 15: Encontro entre o edifício novo e o antigo. Autor: imagem produzida pela equipe.



Figura 16: Visão dentro do anexo proposto pela equipe. Autor: imagem produzida pela equipe.

QUADRA ABERTA DE USO MISTO:

AUTORES:

Clara Gomes

Carolina Brigagao

Fernanda Vido

Júlia Grimaldi

Mariana Viziack

ORIENTADORES:

Fábio Boretti

O HABITAT CONTEMPORÂNEO EM CAMPINAS

Pedro Paulo Mainieri, Caio Ferreira

Ensaio elaborado para a componente curricular de Projeto D – Habitat Contemporâneo. Buscou-se desenvolver um espaço que contemplasse as necessidades atuais no meio urbano em Campinas, como as demandas por serviços e comércios em conjunto com habitações em vilas e em edifícios verticais de média densidade (térreo + 8 pavimentos), em uma **quadra aberta**, para assim, garantir integração e convivência a partir de usos mistos.

O partido do projeto se organizou a partir do desenho dos diferentes níveis e acessos da quadra, em conjunto com três norteadores principais: a topografia do local, a presença de árvores existentes no terreno e dois fluxos, no sentido norte-sul e leste-oeste, estipulados para indicação do percurso que levam os usuários para as áreas de convívio e de permanência.

Foram pensados quatro edifícios verticais: uma torre, uma lâmina alta e duas lâminas menores, dispostos no terreno de forma a criar uma **grande praça central**, para a qual todos os edifícios são voltados, bem como uma praça adjacente à via mais ao norte, que convidasse os usuários para o ingresso. A implantação preservou as árvores locais e prezou pelo correto distanciamento entre os diferentes volumes, proporcionando ventilação e iluminação adequadas em todas as faces. Também, em busca de conforto térmico e de iluminação, priorizou-se sempre que possível a fachada norte para cômodos como quartos e salas.

Com isso, buscou-se proporcionar **diferentes patamares, com acessos em nível em diferentes pontos da calçada**. Os pavimentos presentes nesses níveis receberam como programa usos comerciais e de serviço. A fim de conectar os quatro edifícios, pensou-se em um embasamento, ora funcionando como extensão do piso, ora como laje de cobertura.



LEGENDA:

— Antiga linha férrea Mogiana

■ Área de projeto

1. Colégio Liceu

2. Colégio Poliedro

3. Centro cultural



Figura 1: [Implantação. Autor: Autoria da equipe (2022)].

A volumetria organizou-se pela preservação das árvores existentes, em um desenho que se configura para além do chão, e possibilita níveis de conexão entre os diferentes edifícios, através do embasamento, que alonga as lajes e integra os prédios em um só conjunto edificado. Nesse sentido, esse conjunto conta com 35 salas para comércio ou serviço e espaços de uso coletivo dos moradores. As diferentes tipologias habitacionais, variam de aproximadamente 40m² a 115m² metros quadrados, sendo maiores ou menores de acordo com as necessidades de cada família. A menor tipologia é definida por um único ambiente do tipo kitnet, as maiores contam com um ou dois quartos, sala de estar, cozinha e lavanderia, e a maior delas possui também um escritório.

As coberturas dos edifícios mais baixos do conjunto também contam com terraços para áreas de convívio, as quais podem ser acessadas por escadas e elevadores pelos moradores dos prédios, para estímulo de atividades coletivas. Nesses espaços foram implantadas coberturas leves, a fim de criar áreas de sombra e de permanência.

Com relação à vila, foi pensado um modo de garantir simultaneamente integração com a cidade e privacidade à habitação. Assim, a parte comercial da vila apresenta-se voltada para a quadra, com livre acesso ao público e conta com quatro salas no nível

da praça central. Já a área habitacional foi organizada para a via ao sul da quadra, a fim de garantir maior intimidade.

Já a área parte habitacional foi organizada para a via ao sul da quadra, a fim de garantir maior intimidade. Contudo, ainda há ligação desse espaço parte com o restante da quadra, por meio das uma vez que há escadas, rampas e passarelas de acesso. Ainda, é importante destacar a presença de pátios quintais na vila, os quais são de uso exclusivo dos moradores dessa área e podem ser compartilhados entre si.

Com relação à planta dessas habitações, buscou-se uma aproximação com as plantas dos edifícios e a criação de dois tamanhos, sendo a casa do piso inferiorde baixo uma habitação maior e a do superiorde cima uma habitação do tipo kitnet, com uma metragem menor e sem tantas divisões entre os ambientes.

Ao todo, a quadra aberta conta com 108 unidades habitacionais e 39 salas para uso de comércio ou serviço, e busca, assim, o novo "morar" urbano em um contexto de cidades em crescimento, com a valorização do coletivo e público, convidando não somente os moradores, mas também a população em geral à entrar, percorrer os espaços e usufruir da cidade atual.

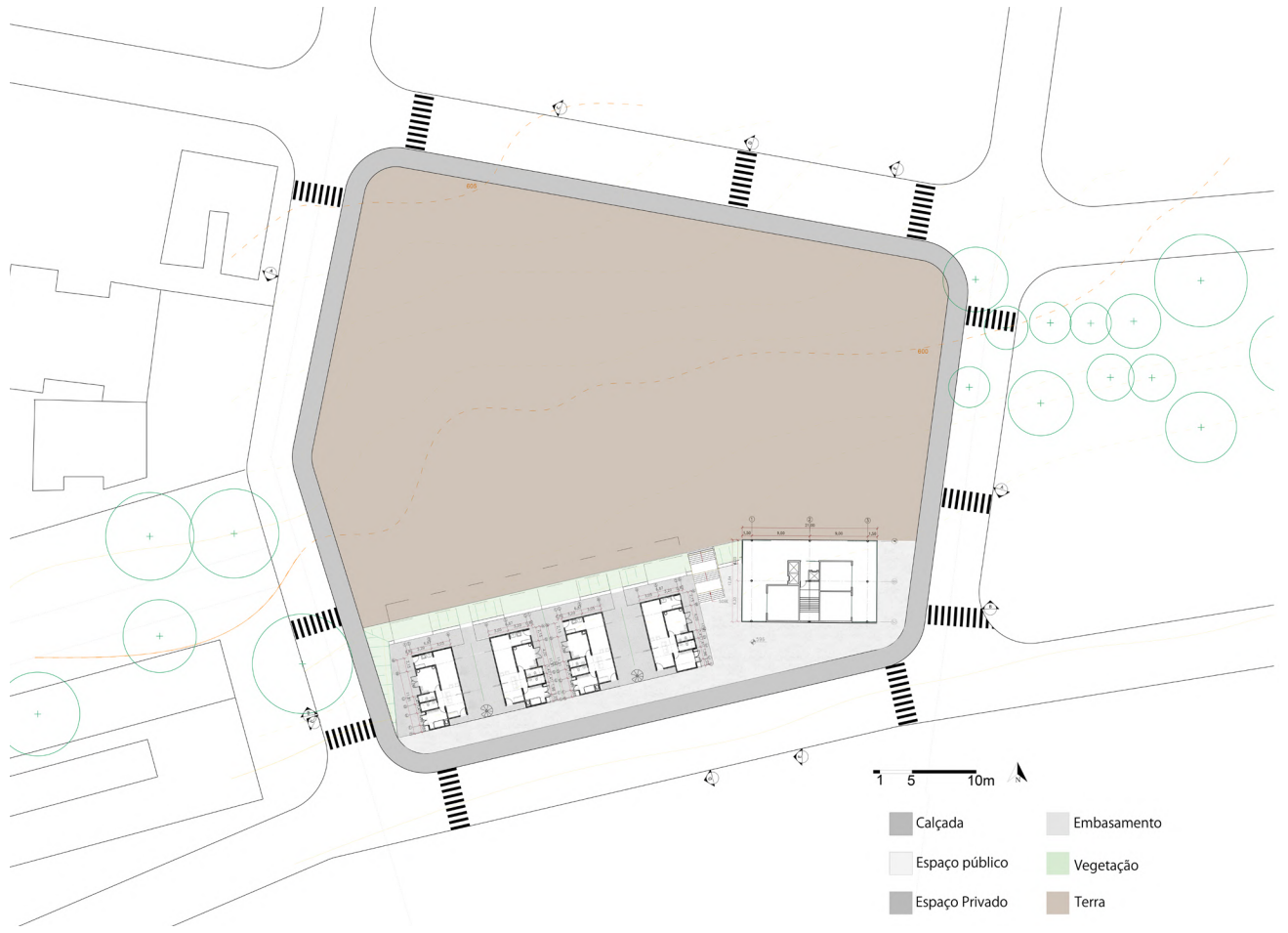


Figura 2: [Planta Cota 596. Autor: Autoria da equipe (2022)].

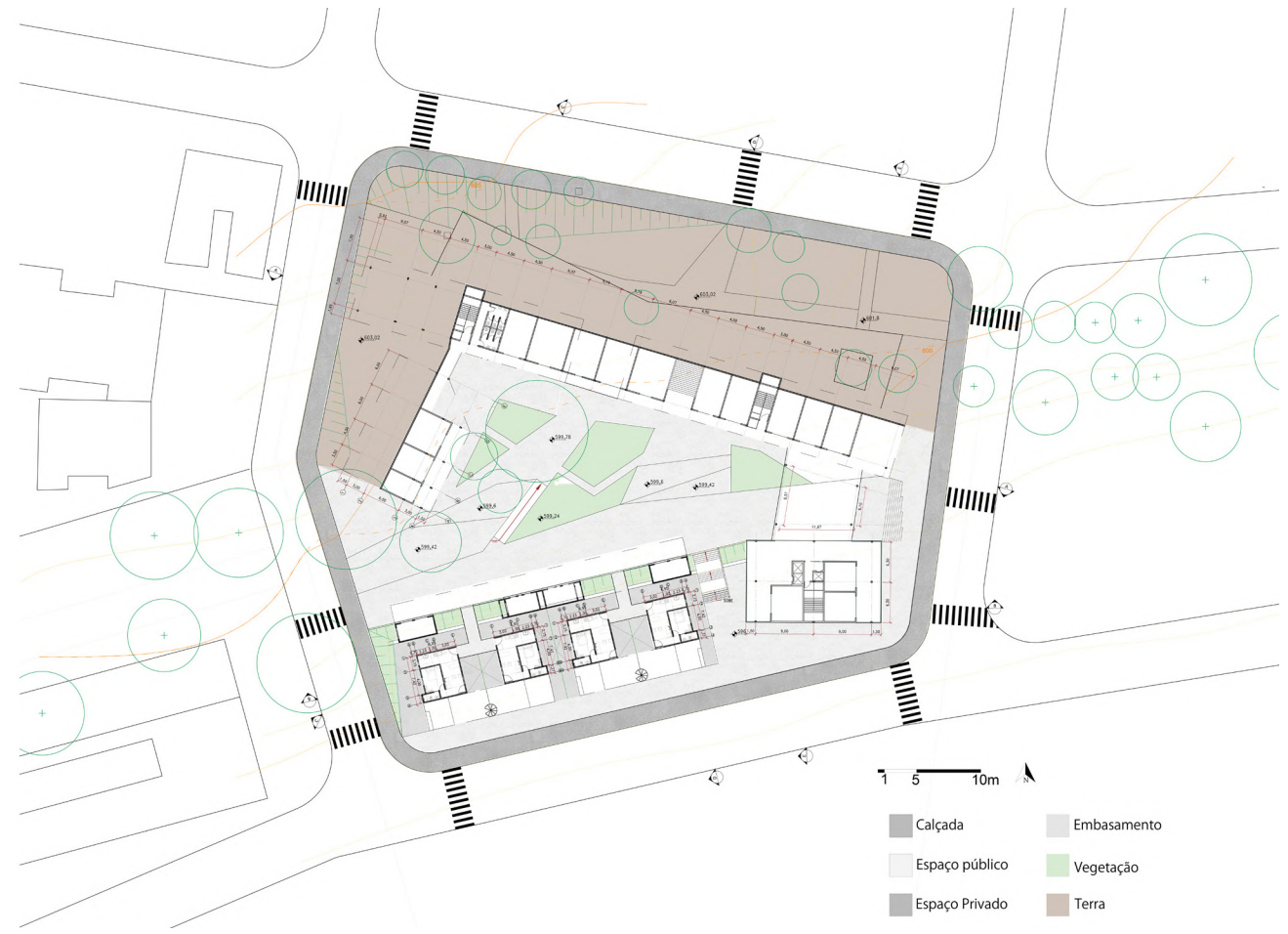


Figura 3: [Planta Cotas 599 e 600. Autor: Autoria da equipe (2022)].

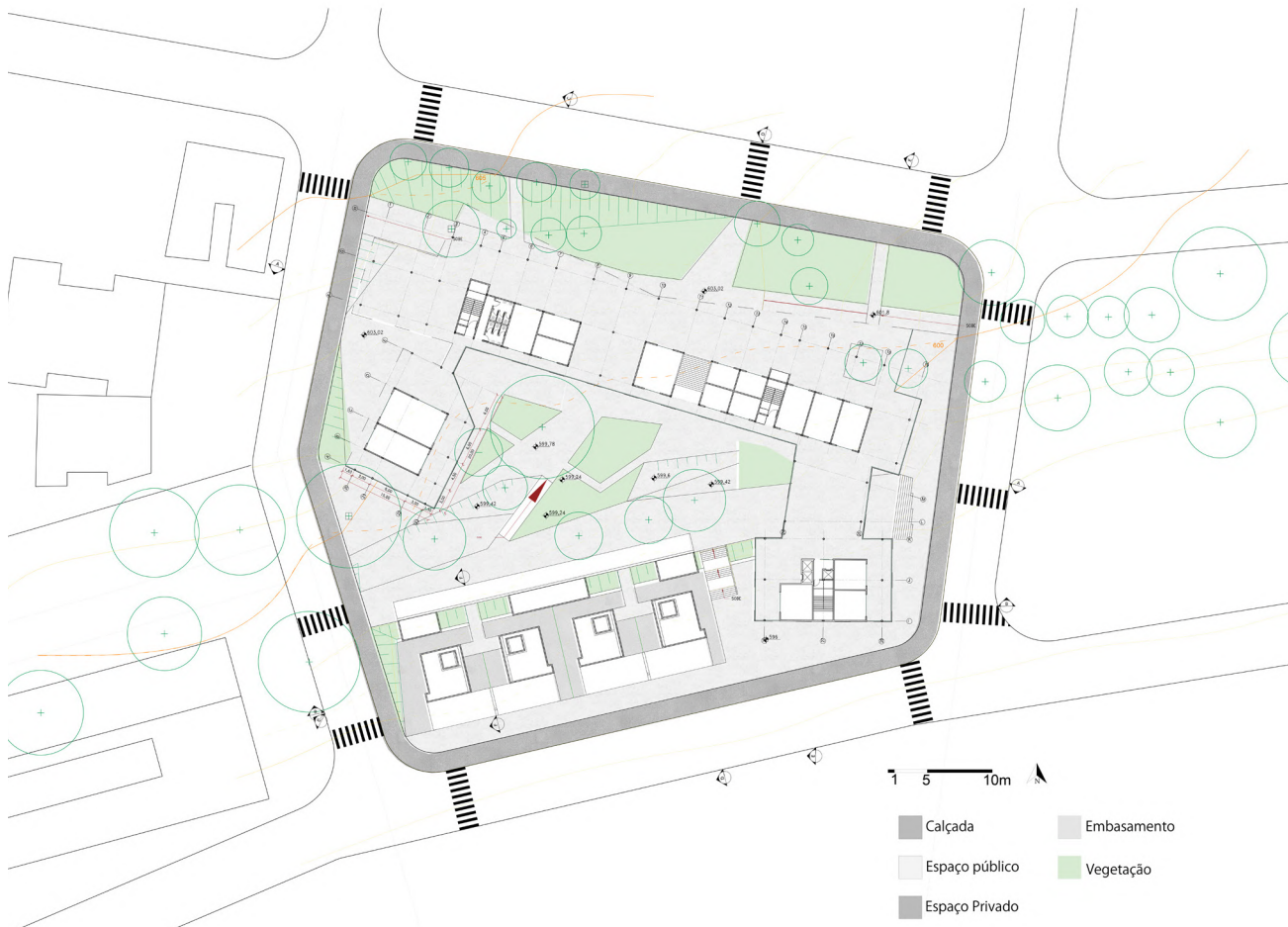
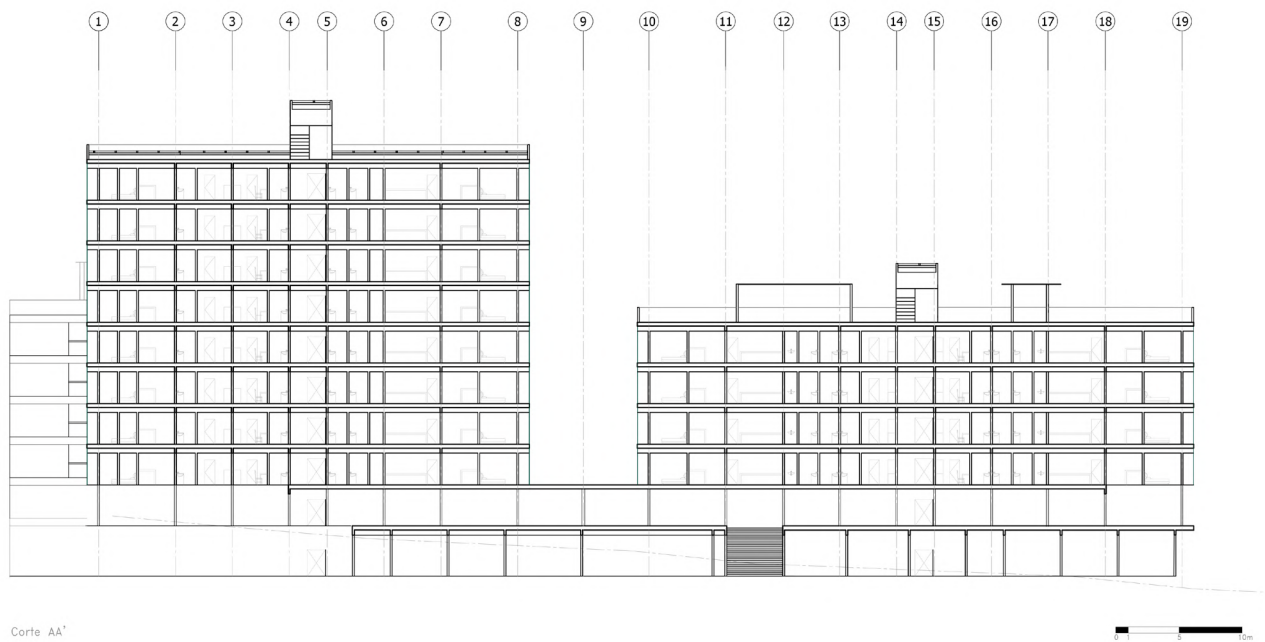


Figura 2: [Planta Cota 596. Autor: Autoria da equipe (2022)].



Figura 5: [Planta Pavimento tipo do conjunto. Autor: Autoria da equipe (2022)].



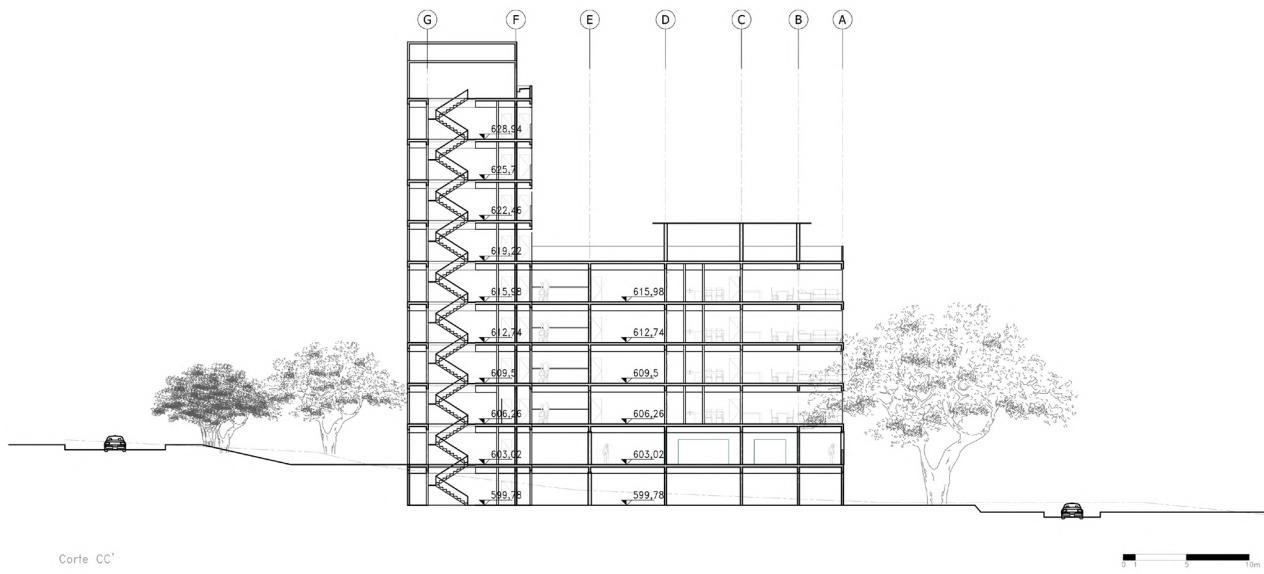
Corte AA'

Figura 6: [Corte A. Autor: Aatoria da equipe (2022)].



Corte BB'

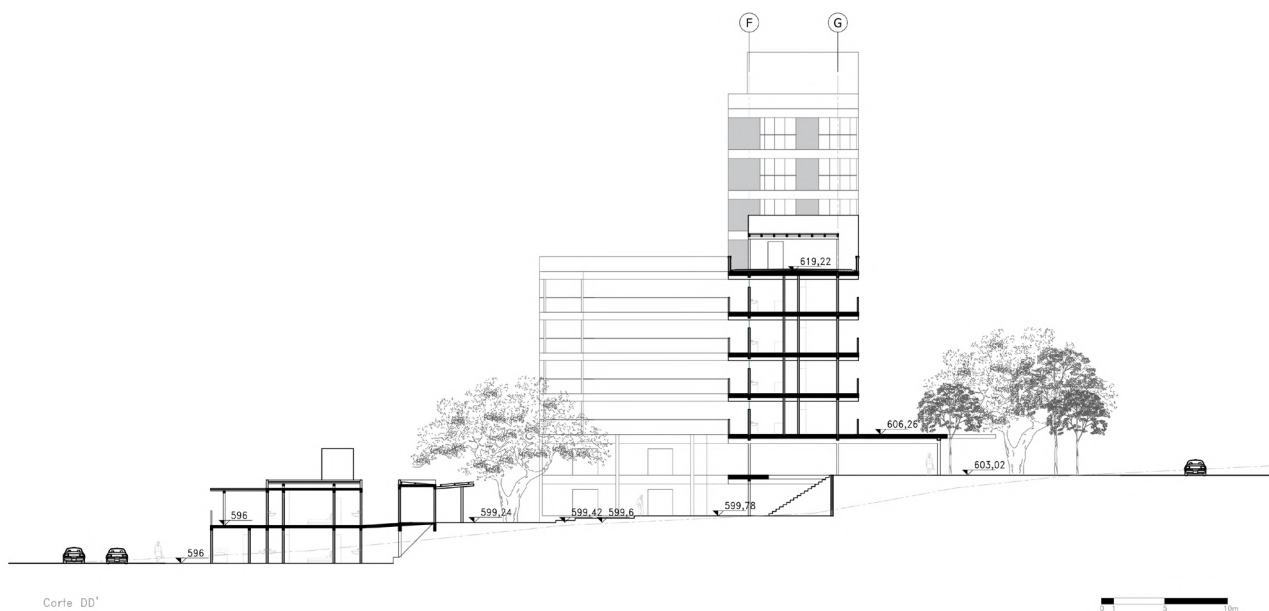
Figura 7: [Corte B. Autor: Aatoria da equipe (2022)].



Corte CC'



Figura 8: [Corte C. Autor: Autoria da equipe (2022)].



Corte DD'



Figura 9: [Corte D. Autor: Autoria da equipe (2022)].

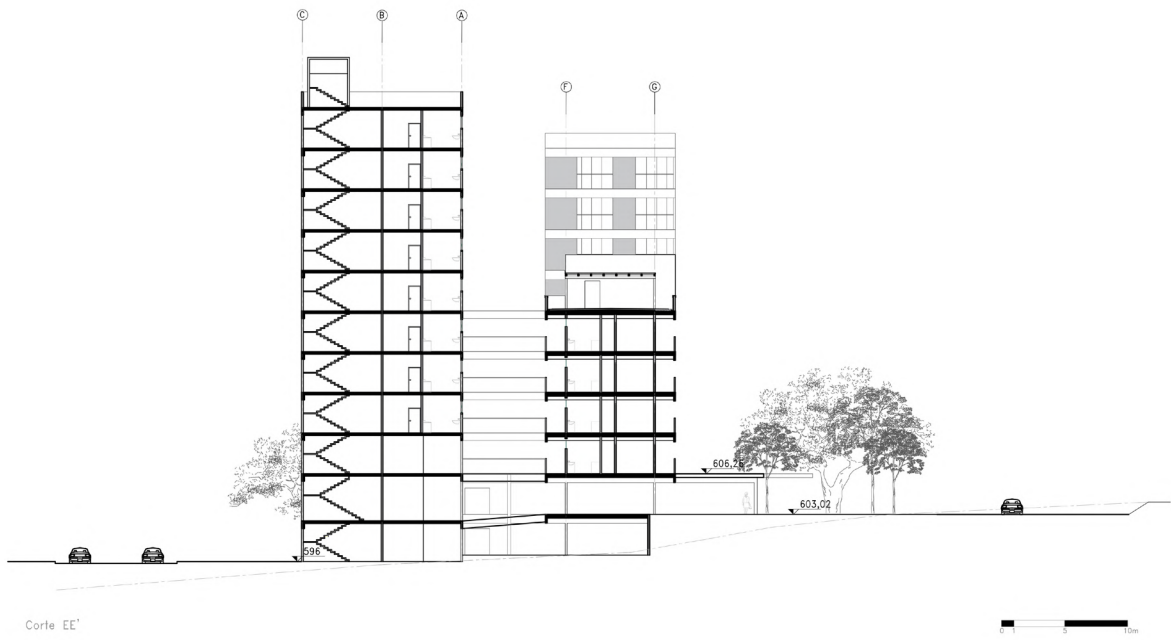


Figura 10: [Corte E. Autor: Aatoria da equipe (2022)].

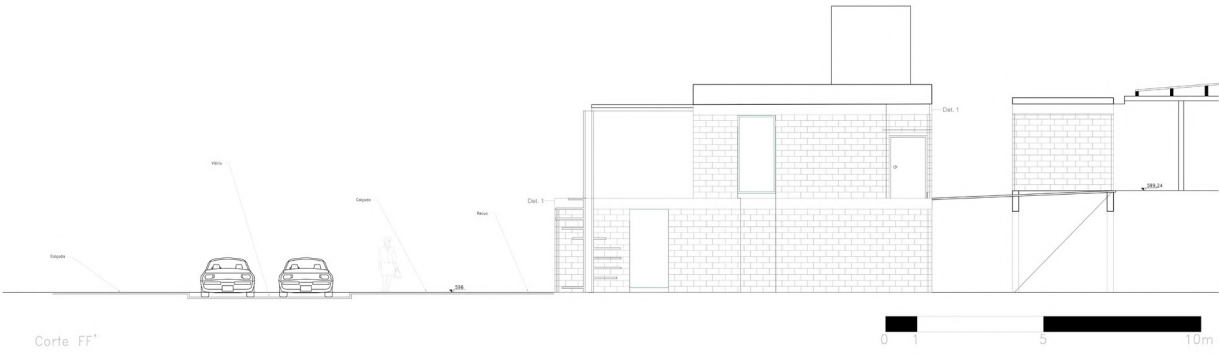


Figura 11: [Corte F. Autor: Aatoria da equipe (2022)].



Figura 12: [Elevação Norte. Autor: Autoria da equipe (2022)].



Figura 13: [Elevação Sul. Autor: Autoria da equipe (2022)].



Figura 14

120

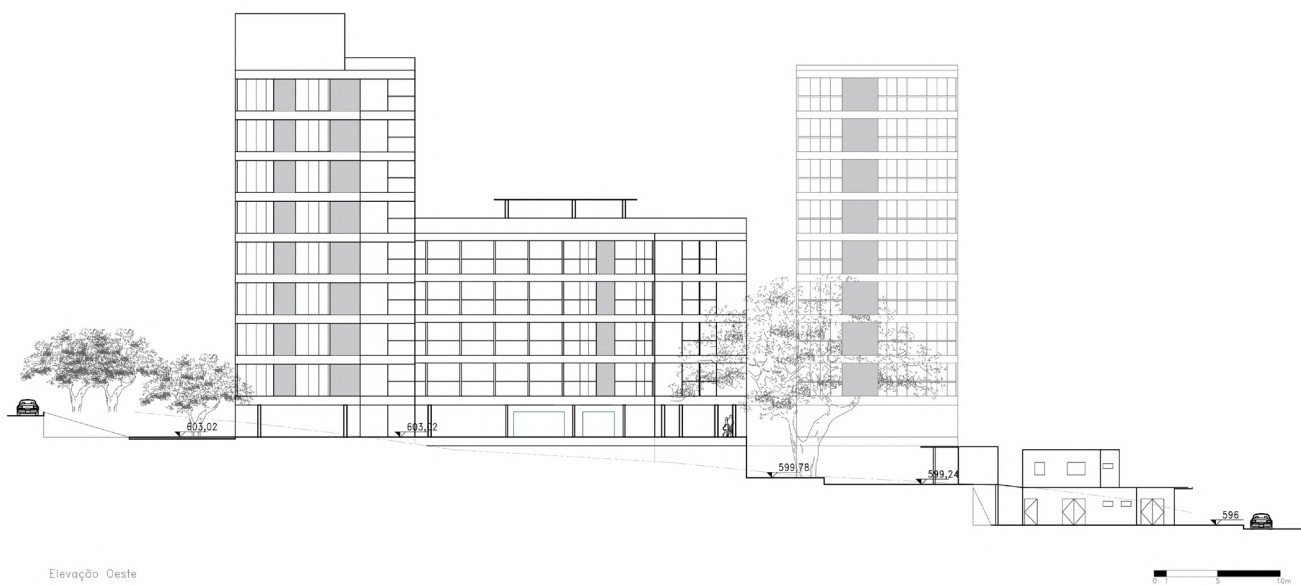


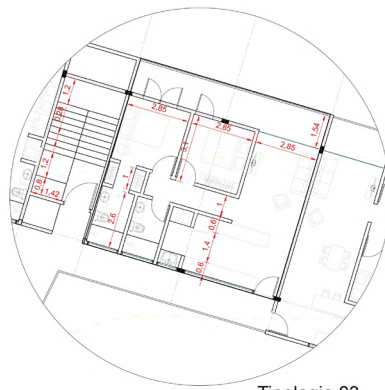
Figura 15: [Elevação Oeste. Autor: Autoria da equipe (2022)].



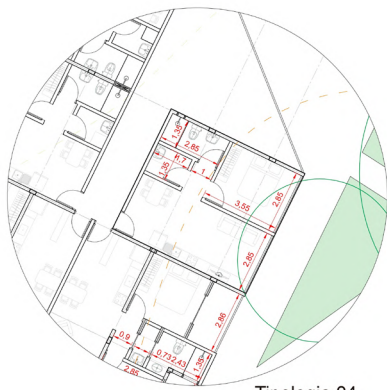
Tipologia 01



Tipologia 02



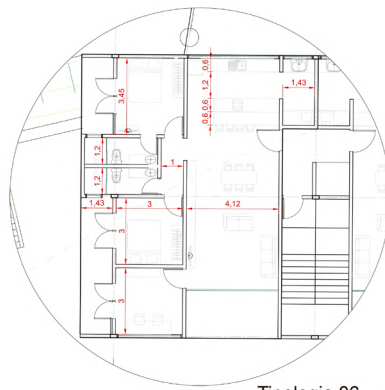
Tipologia 03



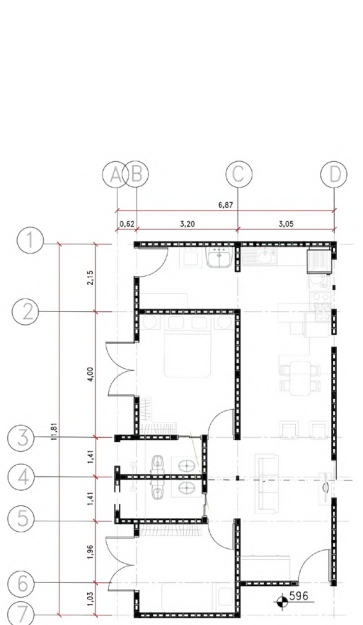
Tipologia 04



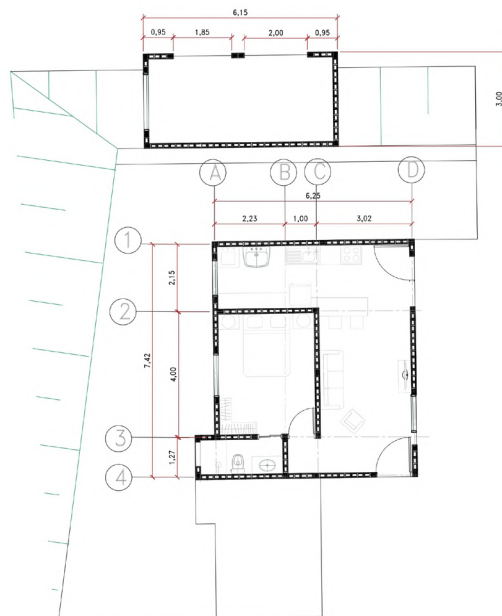
Tipologia 05



Tipologia 06



Pavimento Têrreo Vila



Pavimento Superior Vila



Figura 17: [Tipologias habitacionais da vila. Autor: Autoria da equipe (2022)].

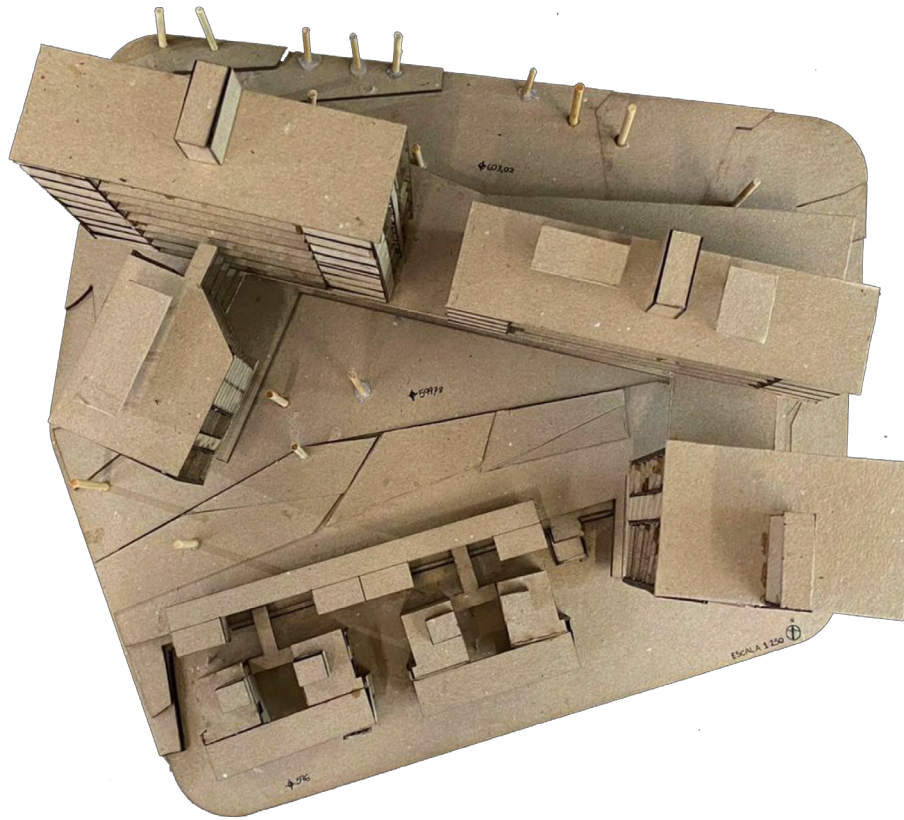


Figura 18: [Maquete física vista superior. Autor: Autoria da equipe (2022)].

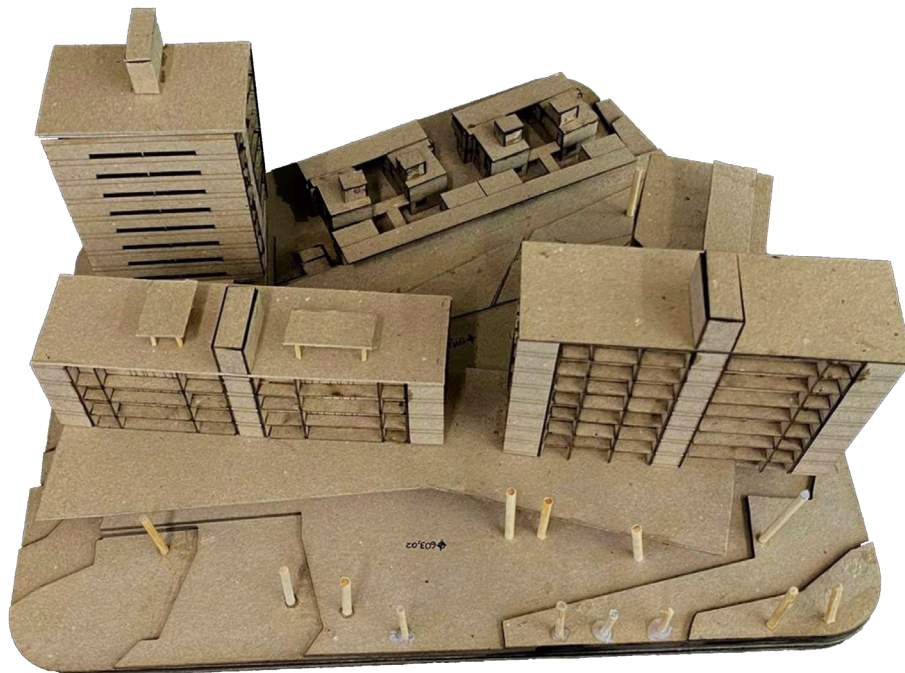


Figura 19: [Maquete física vista norte. Autor: Autoria da equipe (2022)].



Figura 16: [Tipologias habitacionais do conjunto. Autor: Autoria da equipe (2022)].



Figura 17: [Tipologias habitacionais da vila. Autor: Autoria da equipe (2022)].

PATRIMÔNIO E ESPAÇO PÚBLICO:

INTERVENÇÃO NA ESTAÇÃO BARÃO GERALDO

Trabalho Final de Graduação - FAUUSP

AUTOR:

Daniel Regis Cardoso

ORIENTADORES:

Luís Antônio Jorge

Beatriz Mugayar Kühl

Introdução:

A Estação Barão Geraldo é um pequeno edifício que passa facilmente despercebido numa rua sem saída no movimentado eixo da Av. Albino de Oliveira, no distrito de Barão Geraldo, Campinas. É pouco conhecida e reconhecida, mas fez parte da Estrada de Ferro Funilense, uma infraestrutura de transporte vital para a história do distrito, da cidade e que é testemunho do papel da malha ferroviária no processo de industrialização do estado. A estação foi objeto de estudo e intervenção de um Trabalho Final de Graduação para a FAUUSP, no primeiro semestre de 2023. O presente ensaio projetual dá maior enfoque à proposta projetual, com o objetivo de conferir um novo uso para o edifício como um teatro ao ar livre inserido numa nova praça em seu entorno, reconectando-o à cidade unindo restauro, desenho urbano e paisagismo.



Figura 2 [Fotografia intitulada "último trem", mostrando o trem passando próximo à antiga Igreja de Santa Isabel. Autor: Eugênio Martins (1962). Fonte: SMITH (2021).]

Breve Histórico:

A Companhia Carril Agrícola Funilense foi fundada em 1890 por fazendeiros da região do Funil (atual Cosmópolis e Artur Nogueira) e demais proprietários das terras no norte de Campinas no contexto de expansão da malha ferroviária no estado para escoamento da produção do café para exportação. A estrada de ferro foi inaugurada em 1899, conectando Campinas a partir da Estação Guanabara, no atual Mercado Municipal, à Fazenda Funil (EVANGELISTA, 2018). Nessa primeira etapa, o local do edifício objeto deste trabalho era, provavelmente, apenas uma chave denominada Santa Genebra, que atendia a fazenda homônima e a Fazenda Rio das Pedras, na região do atual distrito de Barão Geraldo. A Companhia atuou por pouco tempo: por não conseguir ressarcir o estado pelos investimentos realizados, foi encampada em 1905.

Nas mãos do estado, sofreu uma série de reformas que levaram à maior extensão da linha, 94 km, chegando até a estação Pádua Salles, no atual município de Conchal (Figura 1). Foi nessa época que o nome da ferrovia passou a ser Estrada de Ferro Funilense, e a antiga chave Santa Genebra passou a se chamar Barão Geraldo. Em 1924 a linha foi incorporada à Estrada de Ferro Sorocabana, responsável pela construção do edifício em 1926, presente até hoje (Figura 4).

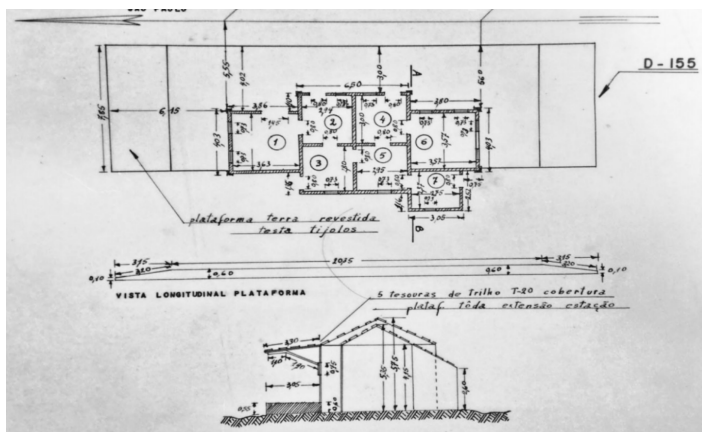


Figura 4 [Projeto da Estação Barão Geraldo. Autor desconhecido (SD). Fonte: Acervo da Malha Paulista da APESP, retirado de SMITH (2021).]

Com a decadência da ferrovia ao longo da metade do século, culminando na sua desativação a partir de 1960, o prédio e o terreno da estação foram doados a um ex-funcionário da E. F. Sorocabana, cuja família mora no edifício até hoje, já com uma série de alterações advindas do novo tipo de uso.



Figura 3 [Fotografia da estação, provavelmente na época de sua desativação. Autor: desconhecido (circa 1960). Fonte: acervo do atual morador do edifício da estação.]

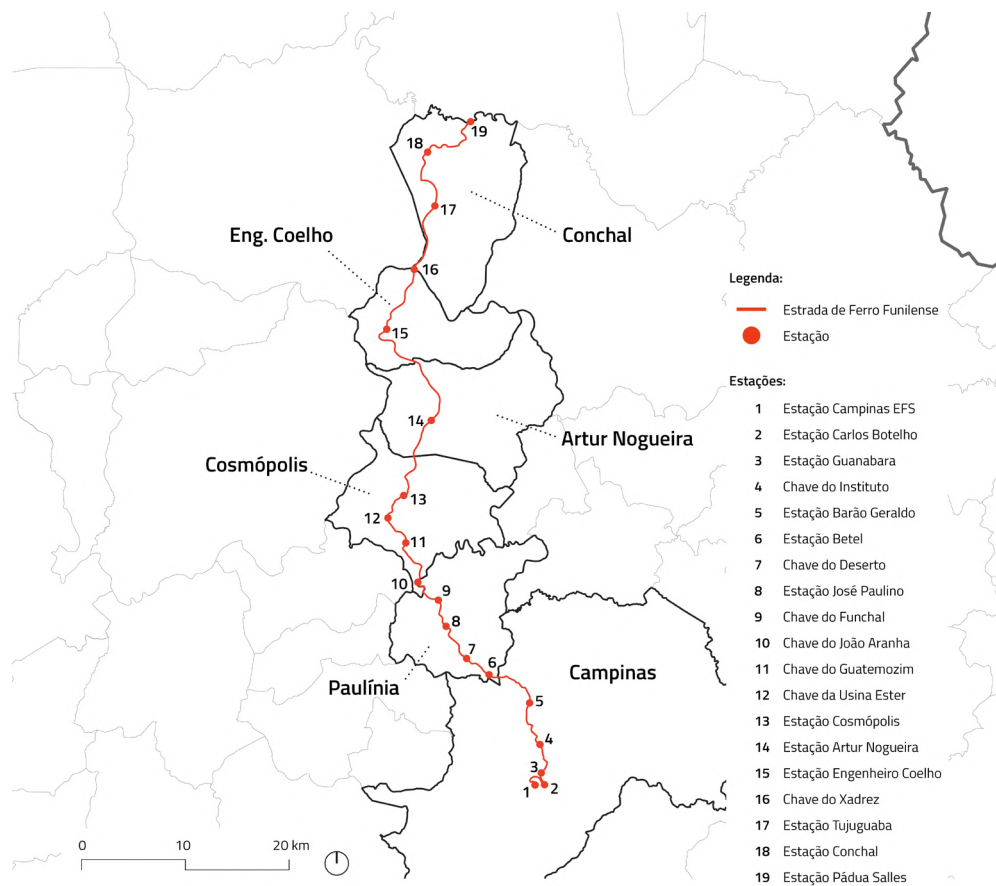


Figura 1 [Traçado da Estrada de Ferro Funiense em sua maior extensão. Autor: produzido pelo autor (2023). Fonte a partir de EVANGELISTA e SCHICCHI (2018).]

Levantamento:

Foi realizado um levantamento arquitetônico e fotográfico do local. O foco foi dado à relação geométrica básica entre esses elementos, de modo a chegar a uma leitura coesa do objeto de estudo conforme sua tipologia e seu estado atual. Os elementos decorativos, como os relevos de argamassa nas paredes externas, foram registrados em sua geometria básica conforme o levantamento feito no local e a apreensão deles por meio do levantamento fotográfico. Segue uma seleção dos produtos finais:



Figura 5 [Fotografia da fachada leste. Autor: Daniel Cardoso (2023).]



Figura 6 [Fotografia da fachada norte e plataforma. Autor: Daniel Cardoso (2023).]



Figura 7 [Fotografia da parede externa do sanitário. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

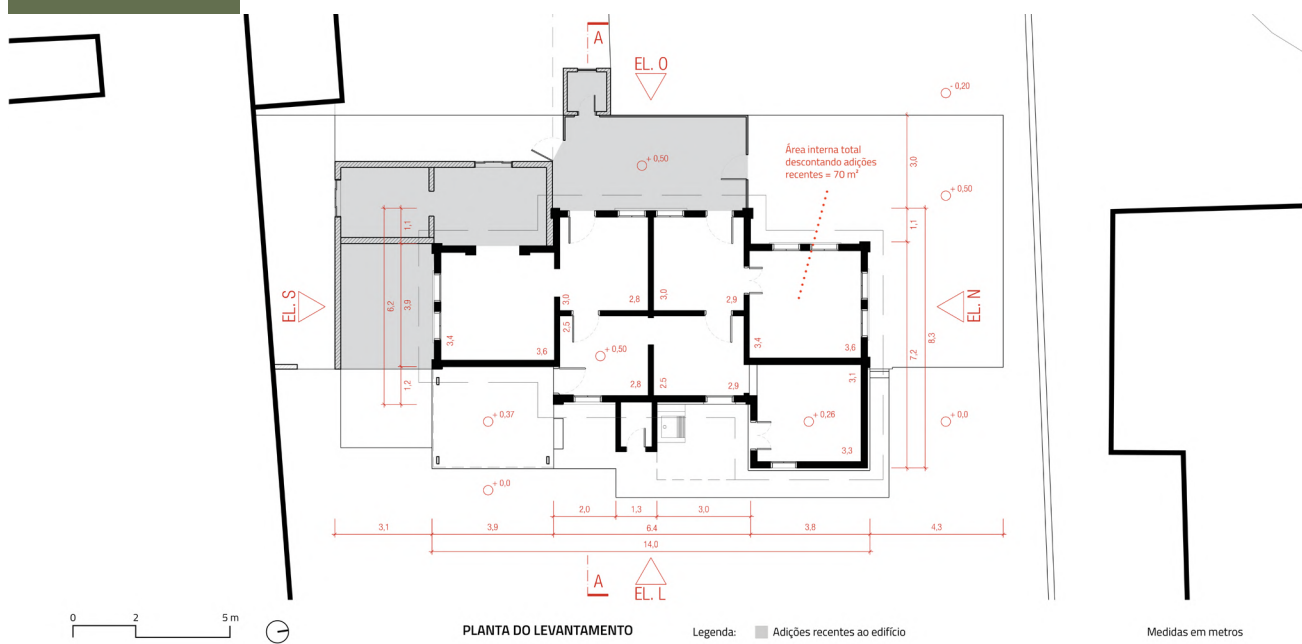


Figura 8 [Planta do levantamento. Autor: Daniel Cardoso (2023).]



Figura 9 [Levantamento: elevação leste. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

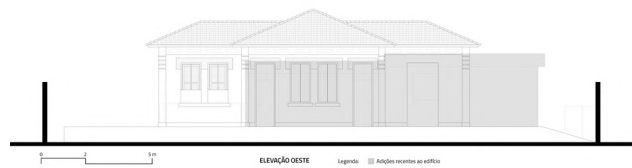


Figura 10 [Levantamento: elevação oeste. Autor: Daniel Cardoso (2023).]



Figura 11 [Levantamento: elevação norte. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

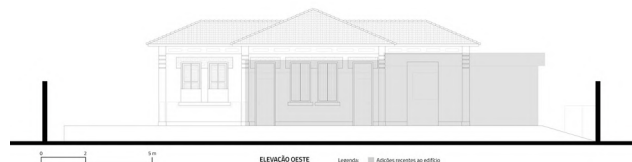


Figura 12 [Levantamento: corte AA. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

Leitura do Contexto Urbano:

Localizado numa grande quadra no acesso principal do distrito, o edifício da estação e seu entorno estão dentro de uma centralidade existente, próxima à Área de Influência Direta da Estrutura Metropolitana, definida pela presença do Polo Estratégico de Desenvolvimento e a presença de uma infraestrutura de transporte relevante: a Rodovia D. Pedro I (SP-065) (Figura 13). O edifício se localiza no fim de uma rua sem saída - R. Nura Penteado - ligada à Av. Albino de Oliveira, via importante que integra uma ligação metropolitana juntamente com a Rodovia Zeferino Vaz e a Estrada da Rhodia, radial que dá acesso ao município de Paulínia. (Figura 14)

Segundo o PDE (Plano Diretor Estratégico), o objeto de intervenção é abordado por 2 instrumentos relacionados ao seu caráter como patrimônio cultural: o projeto urbano 1 - Boulevard da Diversidade - que propõe o reaproveitamento dos espaços livres resultantes do leito férreo, principalmente a Praça do Coco, de modo a potencializar esses espaços públicos e sua vocação comercial popular (PDE, Anexo XIII). O segundo instrumento é a Zona Especial de Preservação Cultural (ZEPEC): usando de uma série de incentivos, pretende identificar e preservar locais de importância patrimonial, material ou imaterial. A proposta pode servir como um diálogo ou complemento a essas propostas, de maneira a salvaguardar e valorizar pontualmente o testemunho da estação dentro de uma proposta paisagística/patrimonial mais abrangente no território.

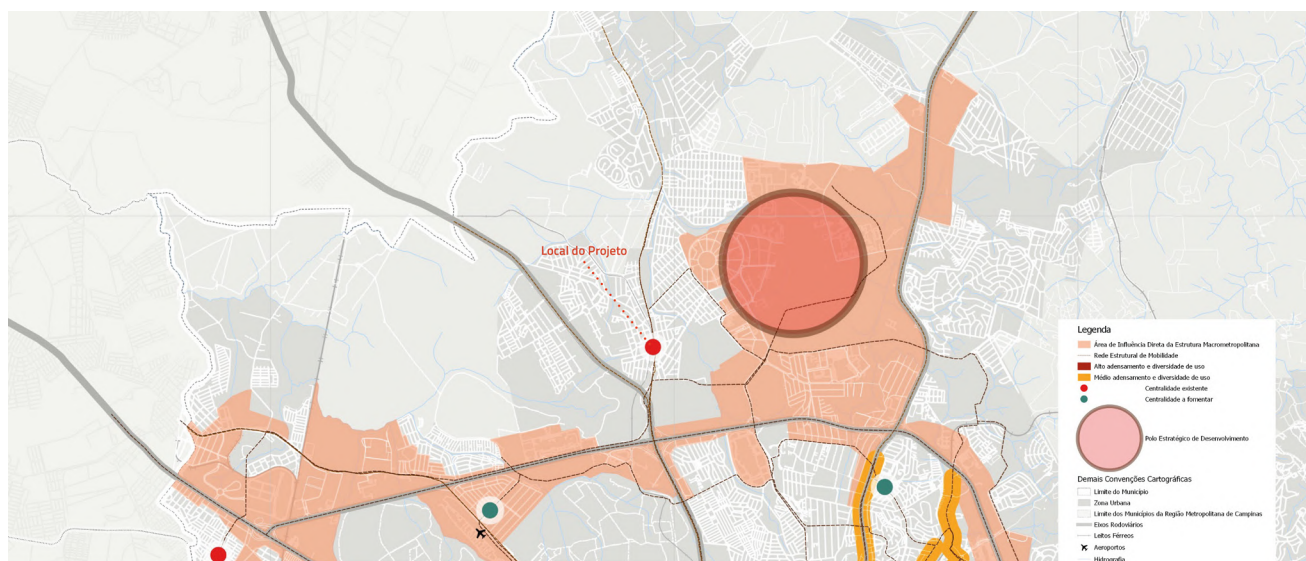


Figura 13 [Recorte do Anexo VII do PDE: Mapa da Estrutura Urbana. Fonte: planodiretor.campinas.sp.gov.br]

Na quadra do edifício da Estação se inserem alguns equipamentos e estabelecimentos de alcance local e regional (Figura 15), como o terminal Lázaro de Campos Faria, a Escola Estadual José Pedro de Oliveira, o Centro de Saúde de Barão Geraldo, o Cartório do Distrito de Barão Geraldo e

supermercado Dalben. Os primeiros quatro têm uma relação próxima com o objeto do trabalho, sendo assim, a fruição deles e o acesso a eles poderão ser qualificados e potencializados por meio do projeto de um novo espaço livre associado ao projeto de restauro.

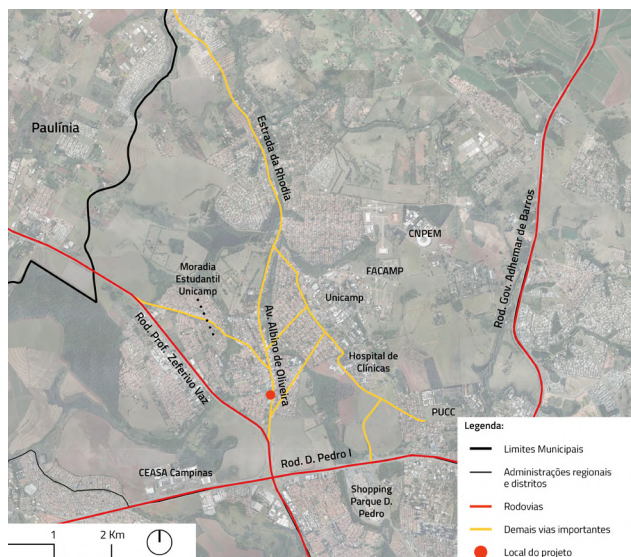


Figura 14 [Localização do edifício no Distrito de Barão Geraldo. Autor: Daniel Cardoso (2023). Fonte: Google Maps]

Figura 15 [Imagem de satélite da quadra do edifício da estação. Autor: Daniel Cardoso (2023). Fonte: Google Maps]

Conceituação e Desenhos:

Observando a importância do edifício como patrimônio e a vocação pública do seu entorno, propõe-se o reuso do edifício como um teatro ao ar livre associado a uma nova praça, de maneira a religar o conjunto patrimonial à cidade e oferecer a ela um novo espaço público que o integre ao cotidiano.

transversalmente a grande quadra onde se insere, ligando a Av. Albino à R. Alzira Aranha, qualificando a passagem e o acesso aos equipamentos lindeiros e proporcionando novos espaços de permanência, em diálogo com o novo uso da estação. A proposta paisagística é descrita nos seguintes diagramas de conceituação, seguidos dos desenhos da escala da praça, para então chegarmos à proposta na escala do edifício.

A R. Nura Penteadó foi elevada ao nível do pedestre, compondo, juntamente com o conjunto do teatro ao ar livre, uma nova praça atravessando

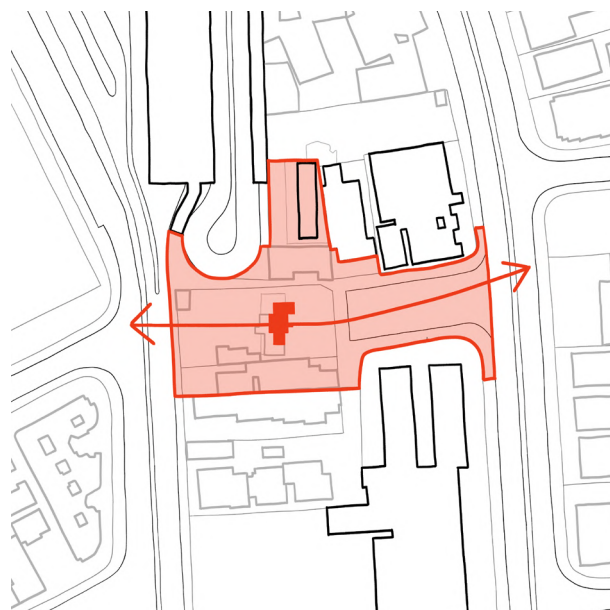
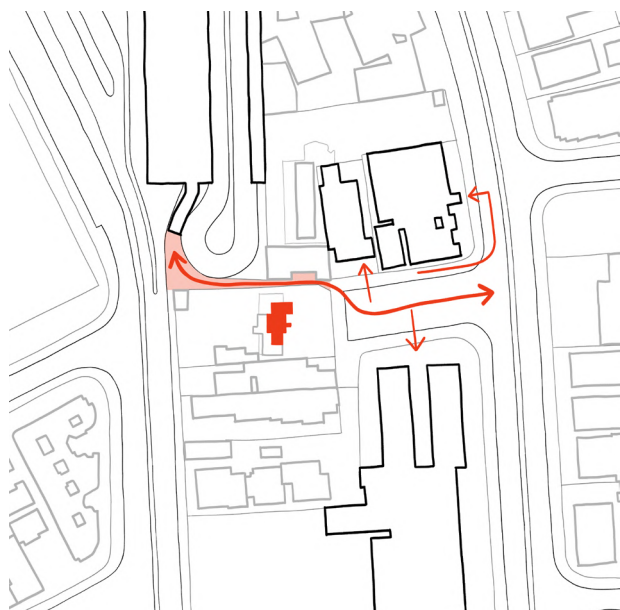


Figura 16 [Diagrama de Fluxos. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

Figura 17 [Delimitação da Área de Intervenção. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

A R. Nura Penteado é usada como estacionamento e acesso aos 3 equipamentos presentes: o cartório, o centro de saúde e a escola. Junto com a passagem de pedestre para a R. Alzira e o terminal, se conforma um movimento transversal, atravessando a grande quadra.

O propósito é levar essa dinâmica de transversalidade a outro nível, reconfigurando a quadra de modo a criar uma passagem-praça.

Elevação da R. Nura Penteado ao nível da

calçada. Remoção dos edifícios lindeiros ao lote da estação de modo a proporcionar passagem e reconectar a estação e o antigo armazém espacial e visualmente. É feito um alargamento do passeio da R. Alzira, prevendo a implantação futura de um edifício de habitação multi-familiar vertical, como permite o zoneamento no local, trazendo uma fachada ativa e maior densidade num gabarito semelhante ao de um conjunto edificado do outro lado da rua.

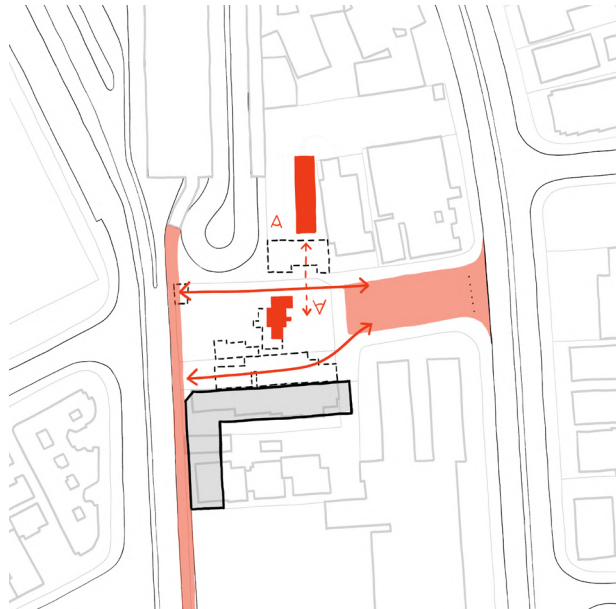


Figura 18 [Hierarquização do Patrimônio Edílico e Urbanístico. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

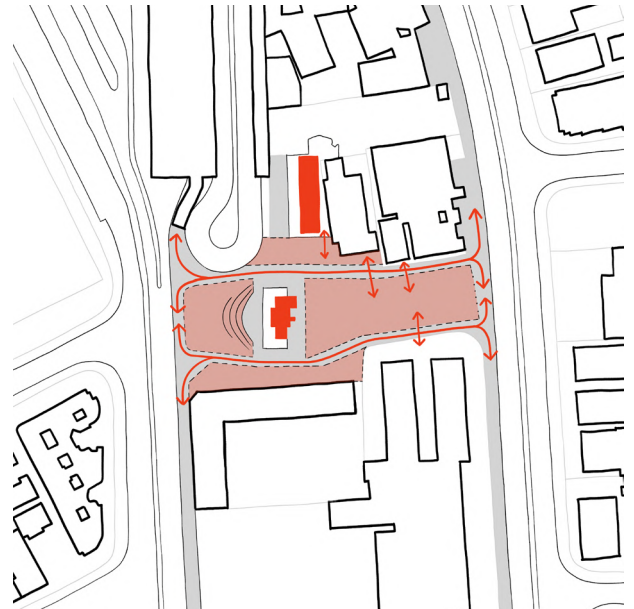


Figura 19 [Diretrizes do Projeto Paisagístico. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

Distribuição dos fluxos e reconhecimento dos acessos existentes e novos. Configuração dos perímetros das diferentes atividades na praça.

Instalação das floreiras e mobiliário urbano na transição entre circulação e esplanada/ interação. A floreira-banco disponibiliza uma espécie de abrigo, com chão de saibro e assentos compostos por perfis de madeira, elementos também presentes na arquibancada do teatro. Outras floreiras se formam pela "retirada" das peças do piso, conferindo um aspecto denteado.

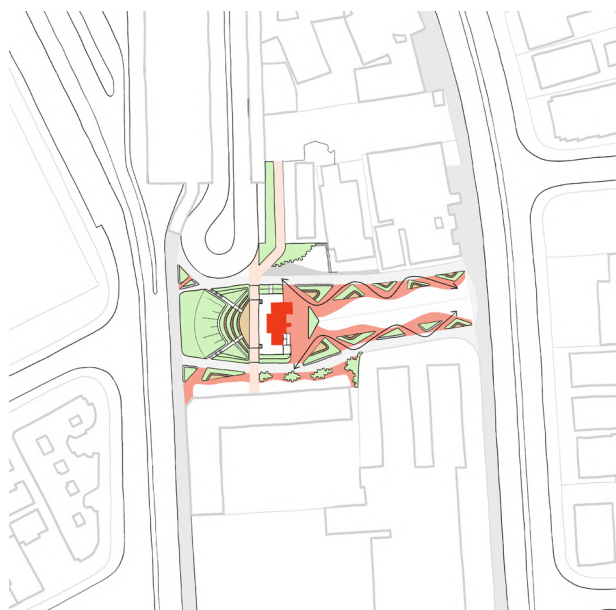


Figura 20 [Arquibancada, elementos paisagísticos e mobiliário urbano. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

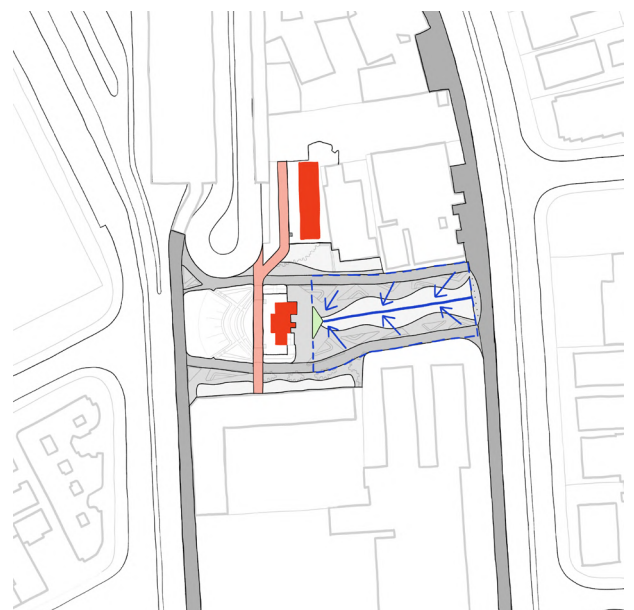


Figura 21 [Drenagem da esplanada e hierarquização dos fluxos por meio da paginação. Autor: Daniel Cardoso (2023).]



Figura 22 [Arranjo dos volumes arbóreos. Autor Daniel Cardoso (2023).]

Instalação de uma canaleta de drenagem composta por peças pré-fabricadas de argamassa armada no centro da esplanada, regendo a paginação e estabelecendo um eixo visual até à estação. Os fluxos são hierarquizados por meio de 5 combinações diferentes de piso de placas pré-fabricadas de concreto pigmentado.

Os 4 jogos de cinzas caracterizam as diferentes maneiras de ocupar a praça, enquanto o piso vermelho ecoa a antiga linha férrea que ali passava, conectando as plataformas dos dois patrimônios e cruzando o teatro ao ar livre.

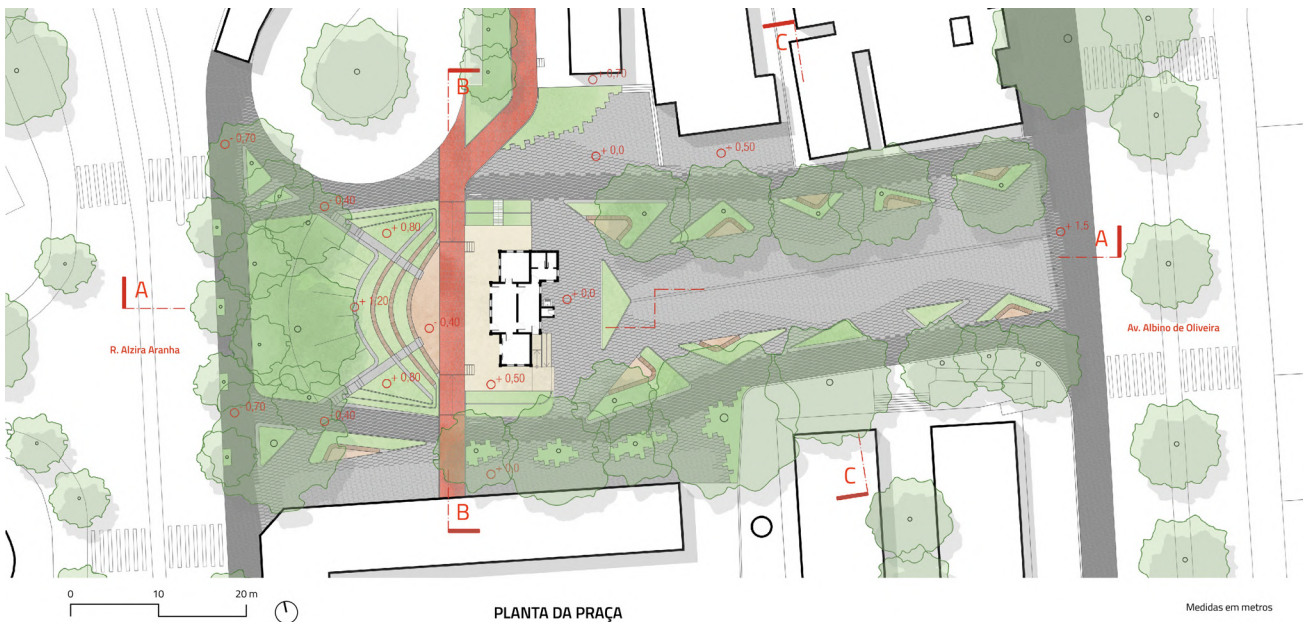


Figura 23 [Planta da Praça. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

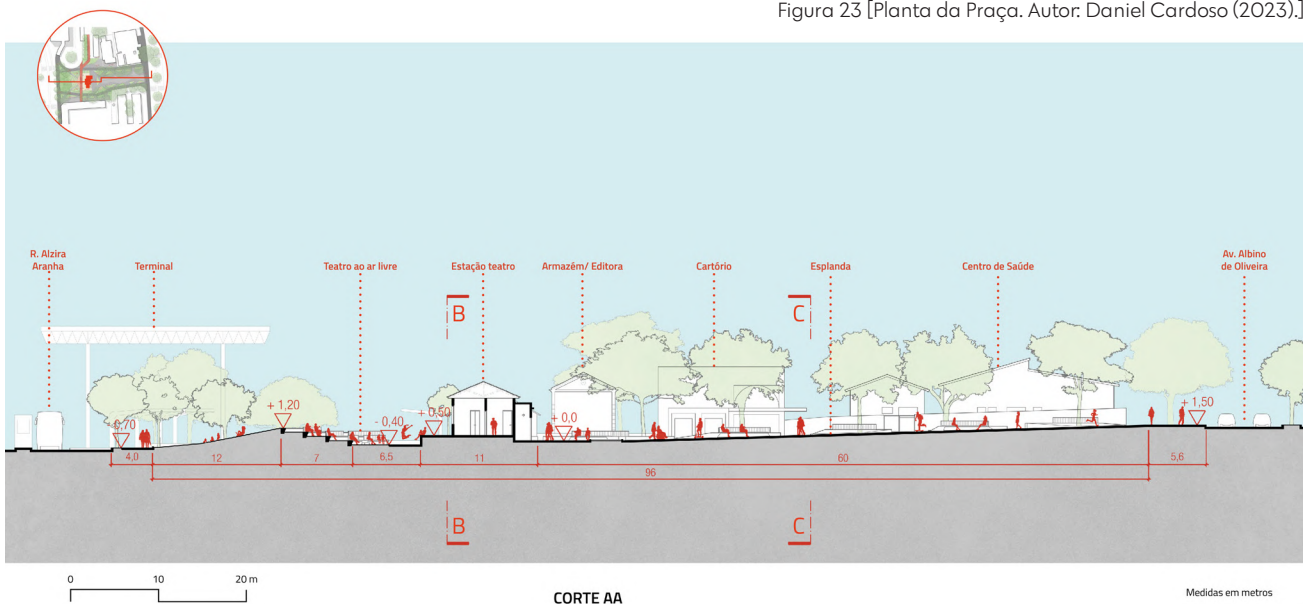


Figura 24 [Corte AA. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

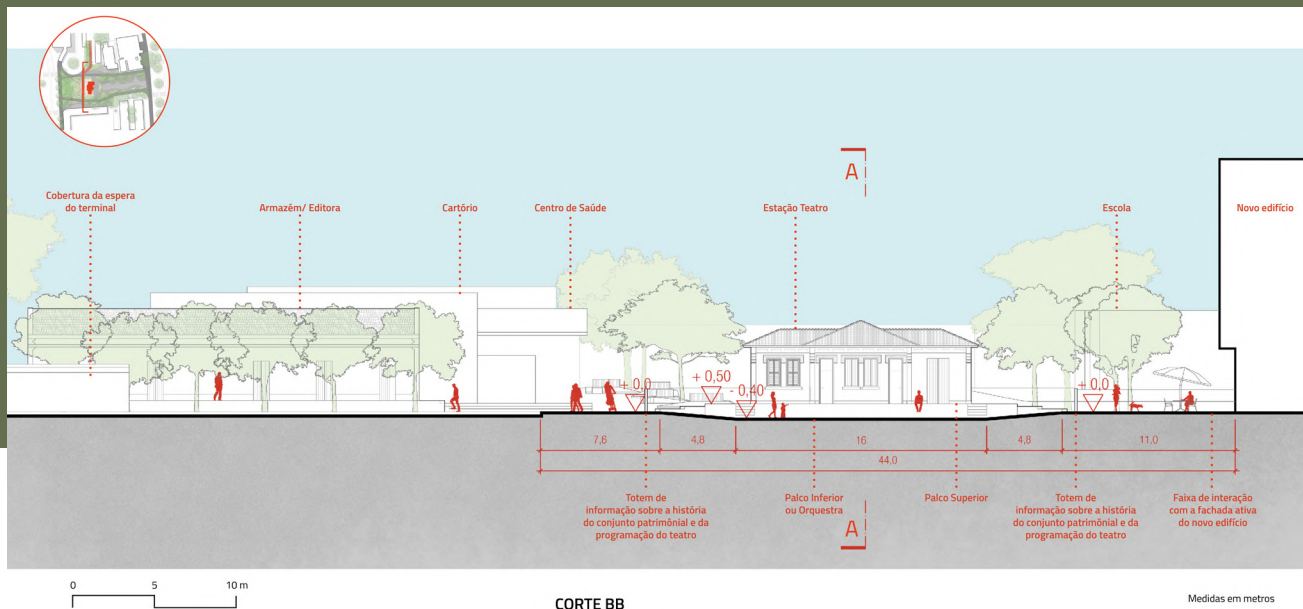


Figura 25 [Corte BB. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

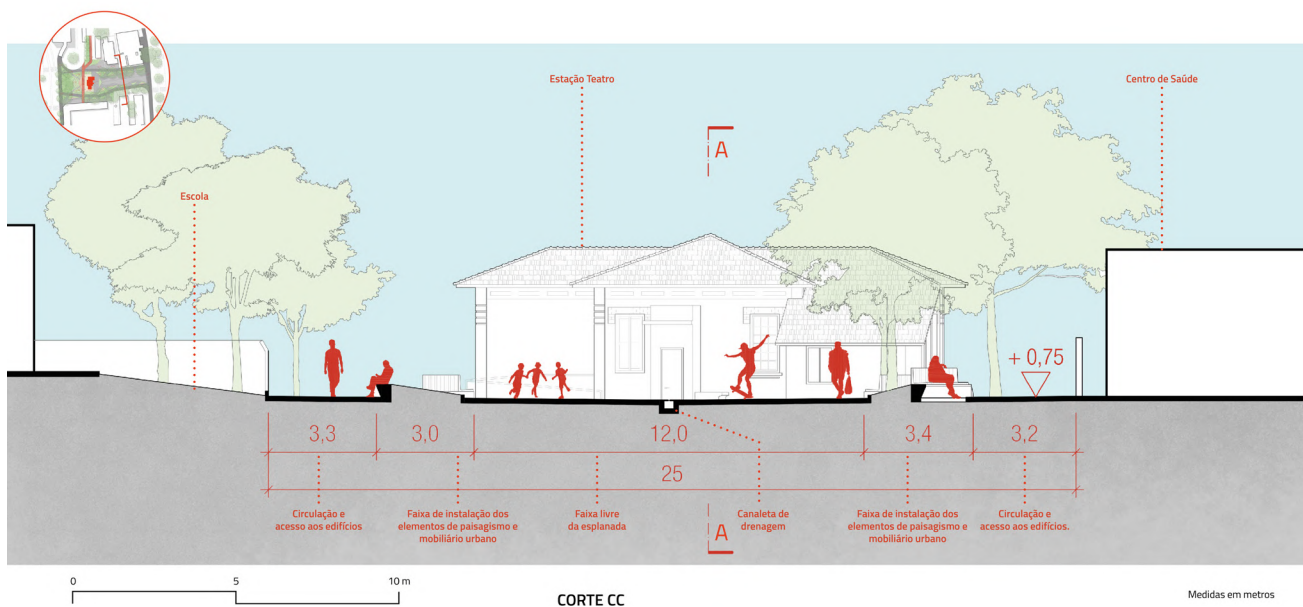


Figura 26 [Corte CC. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

A escolha do teatro como o novo uso para o edifício se baseia em dois aspectos: o **cenário cultural dinâmico de Barão Geraldo** - que teria neste novo espaço de administração pública uma maior integração ao centro do distrito - e a maneira como o edifício se relacionaria com o uso. A plataforma, elevada cerca de meio metro do chão, poderia ser o próprio **palco do teatro**, tendo o edifício não só como abrigo dos usos de apoio à sua operação, mas também como **elemento cenográfico penetrável**, disponível para ser usado pelos próprios artistas de maneiras diferentes.

À frente da plataforma é feito um **palco inferior** por meio de um rebaixo acessado por escadas ou rampas, proporcionando maiores possibilidades de apropriação num conjunto de palcos em diferentes níveis.

Adiante ergue-se a arquibancada inserida no terreno com um aterro, criando uma barreira sensorial do fluxo resultante do terminal.

O acesso principal ao edifício se dá por um **novo conjunto de escadas e rampas**, que também permitem o acesso à plataforma. Duas paredes internas da estação são retiradas para melhor receber a administração e a coxia. Nas salas laterais são estabelecidos o camarim, com acesso ao palco/ plataforma por uma nova porta de correr, e o depósito. Por fim, no pequeno **"anexo"** acessado pela administração foram instalados um banheiro e um lavabo, para uso da equipe e dos artistas, o que, para uma maior acessibilidade e conforto, exigiu a elevação do piso e algumas aberturas para ventilação.

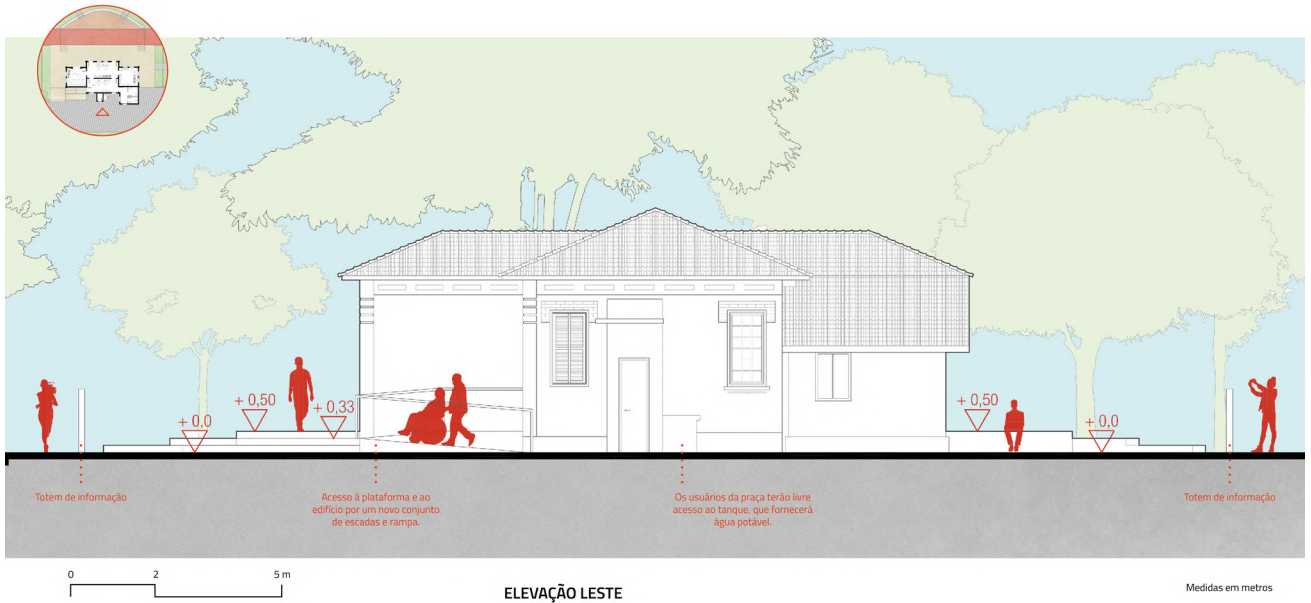


Figura 30 [Elevação Leste. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

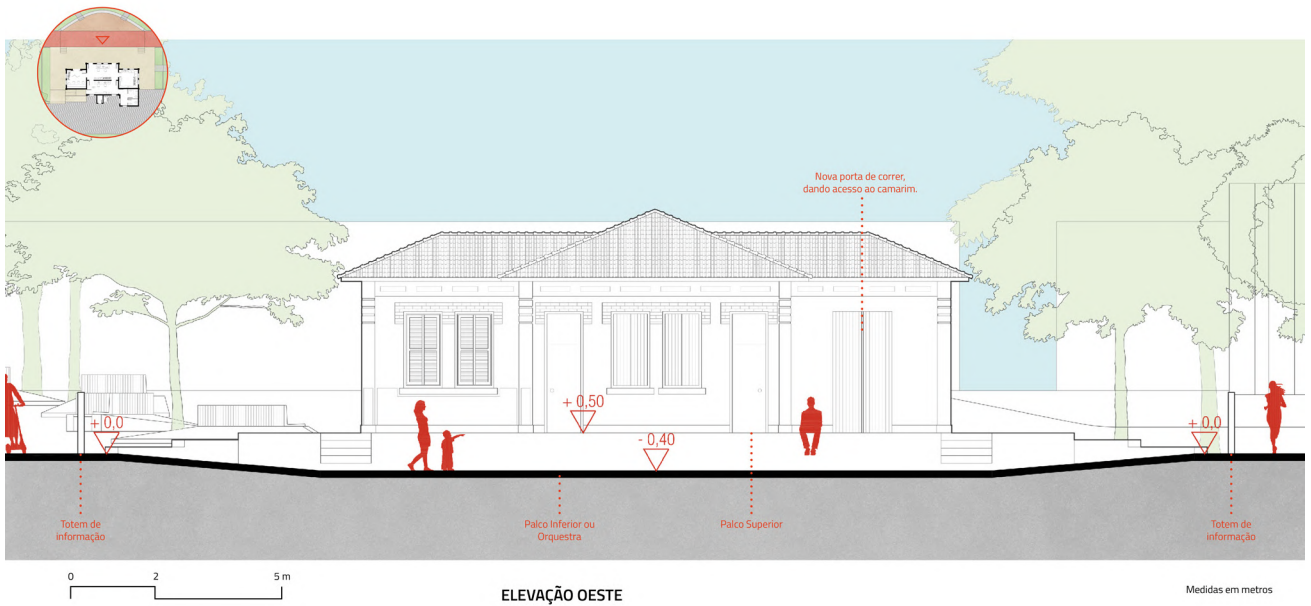


Figura 31 [Elevação Oeste. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

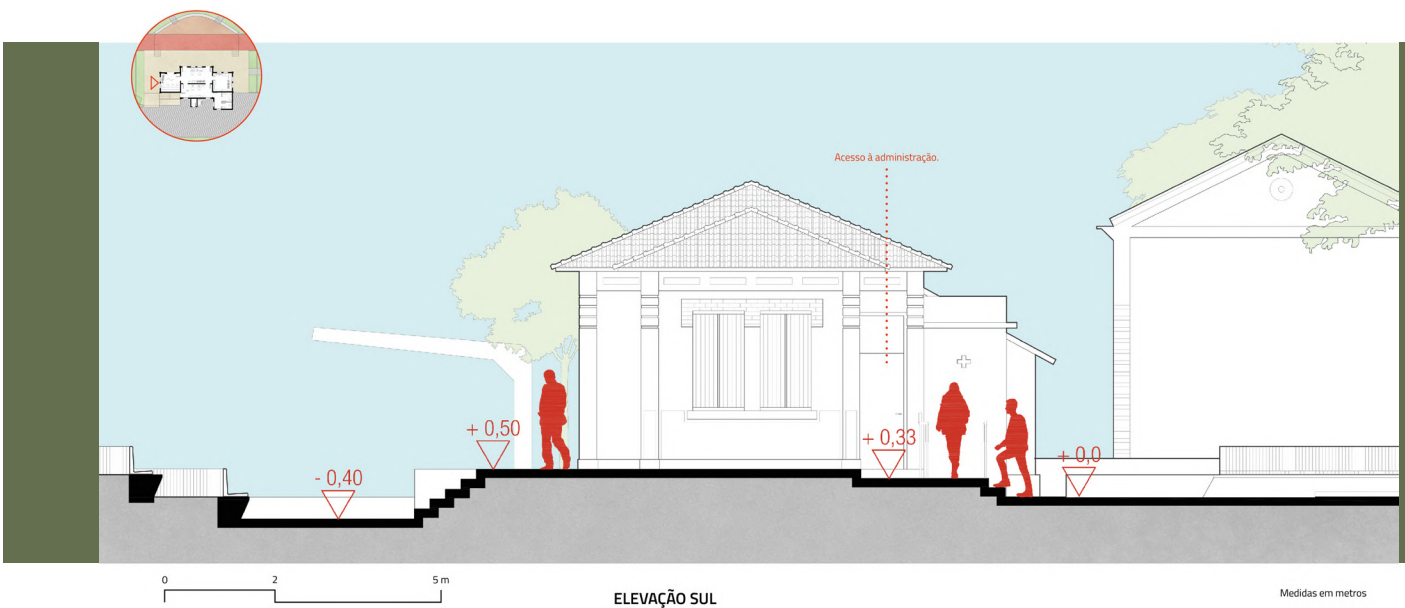


Figura 32 [Elevação Sul. Autor: Daniel Cardoso (2023).]

BIBLIOGRAFIA

EVANGELISTA, Ana Laura. Estrada de Ferro Funilense (SP): Território, História e Patrimônio Cultural. 2018. 230 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/16266>. Acesso em: 10 abril 2023.

EVANGELISTA, Ana Laura; SCHICCHI, Maria Cristina. Estrada de Ferro Funilense (SP): Retraçando a memória do território. Cadernos Proarq, Rio de Janeiro, nº 30, p. 97 - 114, julho, 2018.

SMITH, Warney. Funilense: a mãe esquecida de Barão e das cidades ao norte de Campinas. [S.L.], 2021. Disponível em: <https://historiadebaraogeraldowordpress.com/2021/03/27/funilense-a-mae-esquecida-de-barao-e-das-cidades-ao-norte-de-campinas/>. Acesso em: 10 abril 2023.

Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de Campinas. Novo Plano Diretor Estratégico. Disponível em: <https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/>. Acesso em maio 2023.